Aveiro, 27 de Maio de 1961 • Ano Sétimo • Número 344

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 25886 — AVEIRO

O Racismo no Terceiro Reich

PELO DR. JOAQUIM DE MONTEZUMA DE CARVALHO

AGORA que Eichmann está a ser julgado, convém recordar o que foi o Racismo na Alemanha de Hitler. Hitler herda todo um passado colectivo repassado de violento Nacionalismo, de furor teutónico, de estatolatria. O Romantismo acordara o povo alemão para a consciência de si mesmo. O Romantismo era, antes de mais, um despertar político. É então que Hegel tece a sua teoria do Estado como realização objectiva da ideia moral, considerado como um fim em si, o mais elevado de todos, «o Deus sobre a terra». Hegel diviniza o Estado e nele confunde realidades bem distintas — sociedade, nação, povo. Identifica a nação com o Estado e, atribuindo a este, como legítimo representante daquela, todas as funções realizadoras das aspirações, sejam de classe, individuais ou de igreja, atribui-lhe uma força absoluta. O Estado realizará o «espírito do povo». Hegel opõe-se ao liberal Rousseau. O Estado é para Rousseau uma vontade geral, mas mera *soma das vontades individuais*. Em Hegel não existe consideração para as vontades individuais (espírito subjectivo), mas só para aquele particular «espírito nacional» (espírito objectivo). Não definindo o que seja espírito nacional, Hegel deixava a porta aberta a todos os intrusos. Supondo que o Estado era «o Deus sobre a terra», Hegel contribuiu como nenhum pensador para legitimar «o Diabo sobre a terra». Defendendo o cesarismo estatal (tudo no Estado, nada fora do Estado), estava contribuindo, nos alvores do século XIX, para que surgisse um Hitler e um Lenine.

Hitler era um pobre diabo, histérico e petulante. Sem grande preparação intelectual, foi uma antena que captou o que andava o ar. Hitler entra pela porta aberta de Hegel e nada lhe custa definir o que é o espírito nacional alemão: «os homens de um mesmo sangue devem pertencer ao mesmo Reich», Hitler escrevera isto no seu livro «Mein Kampf» (A Minha Luta), livro escrito na prisão, entre 1925 e 1927. Escreveu-o, certamente, com tinta e caneta *Pelikan*, mas realizaria o seu sonho de auto-divinização dum grupo à custa de muito sangue. É no seu livro «A Minha Luta», que mais tarde se volveria a bíblia fedorenta do Nacional--socialismo, que encontramos todo o ódio de Hitler pela raça judaica. Os grandes malefícios da Humanidade surgem sempre a pretexto de que «é Deus quem ordena». A táctica do cavalo de pau de Tróia. Um cavalo aparentemente bom e inofensivo, mas levando no bucho a maldade e a guerra. Hitler também armou o seu cavalo de Tróia. Confessava-se «escolhido pelo Céu» para impor a vontade racista de Deus. Eis as palavras de Hitler: «a natureza eterna vinga-se impiedosamente quando se transgridem os seus mandamentos: eis por que creio agir segundo o espírito do Omnipotente, nosso Criador: *defendendo-me contra o judeu, luto para defender a obra do Senhor*».

Segundo Hitler existiam dois perigos que ameaçavam o povo alemão: o Marxismo e o Judaísmo. Com o judeu não há que pactuar, mas sòmente que

Conclui na página 2

PROBLEMAS DO SAL

AS considerações do presente artigo dirigem-se especialmente ao sr. Secretário de Estado do Comércio, a quem apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos. A sua reconhecida competência e a sua inconcussa honestidade dão-nos a melhor garantia de que os problemas salineiros serão estudados meticulosamente e resolvidos com acerto e com justiça.

Sempre defendemos a necessidade da organização da produção salineira, que ao cabo de longos anos de fadigas conseguiu obter-se, integrando-a na Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos. Não há que discutir as vantagens da organização de uma actividade nacional reconhecidamente importante e muito digna de ser acarinhada.

A verdade, porém, é que a Comissão Reguladora, à qual se devem alguns trabalhos merecedores de aplauso, se tem revelado, por vícios fundamentais da sua constituição neste sector e pela incompetência ou pela maldade de alguns que nele pontificam, absolutamente incapaz de resolver convenientemente os problemas salineiros.

Como é bem sabido, os salgados do País apresentam características muito diversas e são muito diferentes os seus problemas, que importa encarar e solucionar segundo um plano de conjunto. Estamos em crer que só uma organização privativa das actividades salineiras, em cuja direcção se encontrem representados todos *os salgados do País, poderá fazê-lo consciensiosa e ùtilmente.*

Este é o primeiro problema que submetemos à douta consideração do sr. Secretário de Estado do Comércio.

Pretendeu este ilustre membro do Governo, quando Subsecretário de Estado, acudir a alguns dos mais instantes problemas salineiros através do Despacho de 8 de Novembro de 1960, que os Serviços, incompreensivelmente, só tarde deram a conhecer aos interessados.

Nele determinava que a Comissão Reguladora procedesse, até ao fim daquele ano, à reorganização do comércio do sal; e nele anunciava que o sr. Ministro da Economia se propunha nomear uma comissão reorganizadora da actividade salineira, como realmente fez pela Portaria publicada no Diário do Governo *de 12 de Dezembro de 1960.*

Melhor do que nós saberá o sr. Secretário de Estado do Comércio se a Comissão Reguladora cumpriu a sua determinação e se a comissão reorganizadora da actividade salineira terá adiantados os seus trabalhos por forma a apresentá-los no prazo de seis meses, prestes a extinguir-se, que lhe foi assinado.

Sobre este ponto, chamamos a esclarecida atenção do sr. Secretário de Estado do Comércio para as considerações feitas, recentemente, na Assembleia Nacional pelo ilustre deputado sr. Dr. Paulo Cancela de Abreu, publicadas no Diário das Sessões *de 27 de Abril próximo passado.*

Contiua na página 6

O Pandemónio Barbaresco dos nossos dias

Artigo de M. LOPES RODRIGUES

DIZEM notícias conjuntas, de Washington e Nova Iorque, que têm sido ùltimamente desembarcadas em Ghana quantidades maciças de armamento soviético — o grande produto de exportação da Rússia, com que esta pretende efectuar a valorização social e económica dos povos recentemente conduzidos à independência e à autodeterminação.

Um comunicado provindo do gabinete do Presidente N'Krumma, dá-nos, prazenteiramente, a confirmação destas notícias, como se tratasse de um acontecimento digno de meritória divulgação internacional, para dar afectiva e grata preponderância a um gesto generoso daquele mesmo país que se espaneja como abutre feliz a saciar os apetites sobre os cadáveres das suas vítimas.

De outra fonte se diz que têm sido ùltimamente capturados em Angola bastantes ghaneses, como participantes destacados dos grupos de terroristas que estão actuando ao Norte desta nossa Província Ultramarina, onde os ataques destas hordas selváticas têm sido mais ferozes e sangrentos.

Ainda uma outra notícia esclarece-nos que o Estado de Ghana tem estado a treinar, abastecer e a financiar activamente a acção destas arremetidas canibalescas e que os terroristas estão já utilizando quantidades enormes de armas automáticas e munições de proveniência russa.

Se quisermos ilustrar um pouco mais o conjunto deste «magnífico» panorama, já de si suficientemente elucidativo, podemos acrescentar que N'Krumma, um dos mentores mais entusiastas das independências africanas, ofereceu, magnânimamente, as possibilidades do seu país — onde teria ido ele

Continua na página 9

O decorrente mês de Maio, mês das flores, mês das rosas, está quase a terminar. Rosas de Maio são bem mensagem de Primavera — daquela Primavera que este ano teima em perseguir-nos com chuvadas persistentes e anacrónicas, raramente nos oferecendo os ansiados sorrisos de um sol esplendoroso... Rosas são flores puras, são flores aristocráticas, são flores belas — como belo e formoso é o exemplar que ao lado reproduzimos, colhido, *há poucos dias, pela objectiva feliz de*

JAIME BORGES

SOLDADOS DE AVEIRO para ANGOLA

Que Santa Joana Princesa, filha do «Rei Africano», proteja os soldados portugueses que vão defender Portugal em África — estas são as palavras da legenda de uma pagela que o LITORAL, em singelíssima e sentida lembrança, ofereceu aos soldados que hoje

Continua na página 7

O Racismo no Terceiro Reich

Continuação da primeira página

decidir: ou tudo ou nada; quanto a mim, resolvi tornar-me homem político». Só a raça ariana será a «depositária do desenvolvimento da civilização humana». Só o ariano saberá «sacrificar-se pela comunidade, pelos seus semelhantes». Só o ariano possui idealismo. A base da civilização é o idealismo. Mas o judeu «não possui idealismo». O judeu «não sabe edificar, mas apenas destruir».

Escreve o historiador Jean-Jacques Chevalier no seu livro «Les grandes oeuvres politiques de Machiavel a nos jours» que «a 25 de fevereiro de 1920, por ocasião da primeira e grande reunião popular, na Hofbrauhaus de Munique, do Partido Nacional-Socialista *ainda desconhecido*, expusera Hitler à multidão, ponto por ponto, o programa, em «Vinte e Cinto Pontos», do Movimento. Tal programa era o primeiro manifesto do racismo; nele se encontrava, no plano nacionalista, em matéria interior: a regeneração racial (distinção entre os homens de sangue alemão, únicos cidadãos do Reich, únicos a serem admitidos às funções públicas, e os não alemães, entre os quais os judeus, não cidadãos, sujeitos à expulsão eventual; a reforma profunda de todo o sistema de ensino, num sentido mais prático e com a ideia do Estado inculcada na base; a denúncia do espírito parlamentar, do espírito judeu-materialista; a proclamação da necessidade de uma vigorosa centralização do Reich, etc., etc.».

A sequência fotográfica que abaixo reproduz-mos mostra-nos Eichmann durante o seu actual julgamento, em Jerusalém. As fotos são de autoria de Zevi Ghivelder, repórter da revista brasileira FATOS & FOTOS.

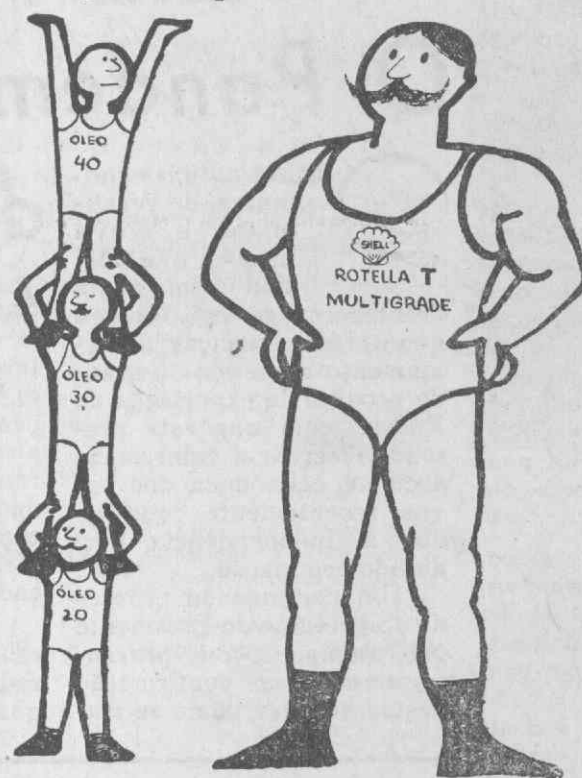
Mas será no famoso capítulo XI do primeiro volume de «A Minha Luta», intitulado «O Povo e a Raça», onde o génio de Hitler exporá as suas ideias sobre a «raça forte», a «raça eleita pela providência divina». Vale bem a pena transcrever um passo desse capítulo: «A mais superficial observação é suficiente para mostrar como as inúmeras formas que assume a vontade de viver da natureza se acham sujeitas a uma lei fundamental e quase inviolável, que lhes é imposta pelo processo estreitamente limitado da reprodução e da multiplicação. *Qualquer animal só se ajunta com um congénere da mesma espécie:* o melharuco com o melharuco, o tentilhão com o tentilhão, a cegonha com a cegonha, o arganaz com o arganaz, o rato com a rata, o lobo com a loba, etc.. Só circunstâncias extraordinárias podem trazer derrogações a esse princípio: em primeiro lugar, o constrangimento imposto pelo cativeiro, ou, então, qualquer obstáculo que se oponha ao ajuntamento de indivíduos pertencentes à mesma espécie. *Mas, nesse caso, a natureza emprega todos os meios para lutar contra tais derrogações*, e seu projecto se apresenta de maneira mais evidente, seja pelo facto de recusar às espécies abastardados a faculdade de se reproduzirem por sua vez, seja por limitar estreitamente a fecundidade dos descendentes: na maioria dos casos, priva-os da faculdade de resistir às doenças ou aos ataques dos inimigos E isto é muito natural. Todo o cruzamento de dois seres de valor desigual dá como produto um meio-termo entre os valores dos pais... Tal ajuntamento está em contradicção com a vontade da natureza, que tende a elevar o nível dos seres. Este objectivo não pode ser atingido pela união de indivíduos de valor diferente, mas só pela *vitória completa e definitiva dos que representam o mais alto valor. O papel do mais forte é de dominar e não o de fundir-se com o mais fraco*, sacrificando assim a sua própria grandeza. Só o fraco de nascimento pode achar cruel esta lei, mas é por ser apenas um homem fraco e limitado...»

Eis todo o pensamento racista de Hitler. Até aqui o pensamento abstracto, mas vejamos a sua prática concreta: «os judeus não receiam demolir as barreiras que o sangue estabelece entre os povos; os judeus tem um objectivo: destruir, pelo abastardamento resultante da mestiçagem, a raça branca que odeiam, derrubá-la do seu alto nível de civilização e de organização política, para dela se assenhorearem». O Estado deve zelar «*para que cesse absolutamente qualquer nova mestiçagem*». «Não, o homem só tem um direito sagrado, que é, ao mesmo tempo, o mais santo dos deveres, o de velar para que o seu sangue permaneça puro, para que a conservação do que há de melhor na humanidade torne possível um desenvolvimento mais perfeito desses seres privilegiados». *O Estado racista* zelará pelo matrimónio, pela «santidade duma instituição destinada a criar seres à imagem do Senhor, e não monstros intermediários entre o homem e o macaco». «Os jovens alemães — é sempre Hitler que mencionamos — serão um dia arquitectos dum novo Estado racista, ou, então, as últimas testemunhas de um completo desmoronamento, da morte do mundo burguês». «É preciso que nenhum rapaz, ou nenhum jovem, deixe a escola sem ter chegado ao perfeito conhecimento do que são a pureza do sangue e a sua necessidade». «É certo que o nosso mundo caminha para uma revolução radical; toda a questão se acha em saber se se fará para a salvação da humanidade ariana ou para proveito do eterno judeu; o Estado racista deverá, por uma educação apropriada da juventude, velar pela conservação da raça, que deverá estar madura para suportar essa prova decisiva e suprema; mas ao povo que primeiro se empenhar nesse caminho é que caberá a vitória».

Através desta depuração, Hitler considera que «um varredor de ruas deve sentir-se mais honrado por ser cidadão desse Reich do que se fora rei dum país estrangeiro». A sua euforia racista chegava a estes absurdos. Hitler julgava-se o Messias da Redenção Alemã, um simples instrumento entre o Deus ariano (claro!), e o seu povo escolhido. Esta mensagem divina tinha duplo aspecto: «o território, fim da nossa política exterior, e uma nova doutrina filosófica; fim da nossa política interior». Em suma, direito à guerra, não considerada defesa mas agressão, e direito a «aperfeiçoar» a raça germânica. «Um Estado que, numa época de contaminação de raças, vela ciosamente pela conservação dos melhores elementos da sua, deve tornar-se um dia o senhor da Terra. Que os adeptos do nosso movimento jamais o esqueçam...».

O Racismo Hitleriano era dirigido contra os judeus que ele punha ao nível dos negros e que considerava marxistas, sem distinção. «Todo o mal é proveniente do Marxismo, doutrina dum judeu, forjada para estabelecer o domínio dos judeus sobre todos os povos». O histerismo de Hitler tudo confundia na mesma onda de ódio. Não sabemos se para combater o Comunismo ele se converteu em racista, ou se, por racista, e deturpando toda a verdade dos factos, perseguiu o povo judaico «marxista». A loucura não estabelece distinções e hoje, passados os anos sob a derrocada da Alemanha de Hitler, ainda não se percebe bem o ódio ao judeu. Foi por Racismo? Foi por Anti-marxismo? Mas o que tinham a ver com o Marxismo, os judeus burgueses? Não me consta que o Estado de Israel seja um estado comunista. A ser verdadeira a imputação hitleriana de marxismo congénito do povo judaico, teríamos hoje um Estado de Israel marxista... Seria apenas a inveja, o assalto às posições de senhorio e de destaque que os judeus alemães detinham? Seria apenas o roubo às suas fortunas que fez engendrar o mito e o equívoco entre Judaismo e Marxismo, raça inferior e raça superior? As perseguições foram sempre precedidas de espoliações. Será esta a verdade racial para compreendermos o absurdo? De qualquer forma, temos sempre a impressão que a Alemanha post-1850 preparou o cataclismo. Hitler sugiu como teria surgido um outro Fuhrer, mas que para além deste «fatalismo» havia uma boa dose de loucura nesse pobre diabo, afinal, para ironia de si mesmo e do que representou, não alemão de origem e nas veias conspurcadas, com algumas gotas de sangue... judaico!

Inhambane, 2 de Maio de 1961

Joaquim de Montezuma de Carvalho

Despórtos

Secção dirigida por
ANTÓNIO LEOPOLDO

Maus ventos pairam sobre o Hoquei em Patins

Como no número anterior deixámos dito, alguma coisa de muito grave e lamentável se passou em Coimbra, no decurso do desafio de hóquei em patins realizado, na noite do dia 11, no Campo da Palmeira, entre o Sport Conimbricense e o Galitos. Os aveirenses, em noite de verdadeira inspiração e vencendo da melhor forma todas as contrariedades que se lhes depararam, triunfaram por *score* rotundo: 7-1. E porque o seu êxito se começou a desenhar bem cedo (nos minutos iniciais o Galitos chegou fàcilmente a 3-1, marca que se manteve até o intervalo) — *houveram por bem* os jogadores do Sport lançar mão de processos condenáveis e atentórios dos mais elementares princípios da ética desportiva.

Ante a complacência do árbitro — mas verberados e até assobiados pelo seu próprio público —, os conimbricences utilizaram uma táctica de autêntica intimidação, de ameaças permanentes, procurando incutir receio aos aveirenses, amiúde mimoseados com cotoveladas, pontapés, empurrões e socos! O *keeper* do Sport foi dos que mais se notabilizaram, gesticulando espectacularmente e ameaçando os aveirenses que surgiam na sua zona...

Desnorteados, os jogadores de Coimbra tiveram ainda a pouca sorte do seu treinador não ter pulso para os chamar ao bom caminho — antes os incitando a actuar em jeito de roda livre...

Acautelando-se devidamente, os atletas alvi-rubros responderam de cabeça erguida: — procuraram sempre fazer o melhor possível e conquistar golos! Corajosos e calmos, não

Continua na página 6

ANDEBOL DE SETE

Campeonato Distrital

DENTRO da mais perfeita regularidade, o Campeonato Distrital vem a ser disputado, com duas jornadas semanais, entrando agora na fase decisiva, com encontros em que tornam a defrontar-se os grupos que se têm mantido no topo da tabela. De momento, Atlético Vareiro (actual campeão), Académica e Beira-Mar são os mais sérios pretendentes ao título, pela ordem indicada — uma vez que os vareiros receberão, em Ovar, aqueles seus competidores, e que os estudantes terão a visita dos beiramarenses ao Campo de Santa Cruz. Mas convém que não se esqueça a candidatura do Sporting de Espinho, já que os «tigres» serão visitados, na Costa Verde, pelo Atlético Vareiro e pela Académica, e apenas têm de se deslocar a Aveiro, para se enfrentarem com o Beira-Mar.

E lembre-se mesmo que os espinhenses, num alarde de poder e indesmentível categoria, acabam de fixar o *record* numérico do actual torneio, com o seu êxito de 29-4 frente ao Avanca!

Enfim: iremos ter um final de campeonato verdadeiramente sensacional e emocionante, lutando-se pelo título até ao derradeiro instante da derradeira jornada!

A actual aura de prestígio de que a modalidade goza no Distrito deve-se, indesmentivelmente, à actividade desenvolvida pelos membros da Direcção em exercício. Repetidas vezes o temos afirmado, não lhes regateando os louvores a que têm inteiro direito. Se agora voltamos ao assunto, recordando quanto atrás fica dito, é apenas porque a actual Direcção da Associação de Andebol de Aveiro acaba de, uma vez mais, se tornar credora dos mais rasgados elogios.

Regularmente, aquela entidade distribui aos clubes e à Imprensa os seus comunicados — prática bastante útil e proveitosa, pois permite que, com absoluta segurança, se obtenham os elementos indispensáveis para as notícias dos jornais.

Agora, no seu comunicado n.º 30, do passado dia 19, depois de lamentar o elevado número de castigos que tem aplicado a diversos jogadores — em resultado do seu desmesurado entusiasmo por vezes os fazer olvidar quanto está regulamentado, levando-os ao incumprimento das leis, a Associação de Andebol apela para que os dirigentes e os atletas actuem sempre norteados pelo bom-senso, disciplinando-se, assim, quanto necessita de regressar ao bom caminho.

Prosseguindo, reconhece a Associação que, algumas vezes, os árbitros erram; e, textualmente, termina assim esse seu lúcido comunicado, que entendemos ser oportuno e justo dar a conhecer:

E errar — todos o sabemos — não é desonesto. É humano! Para quê lançar, pois, o odioso, a culpa, a responsabilidade dos nossos desaires e insucessos para cima de quem, na maior parte das vezes, poucos dias antes mereceu, até, os nossos louvores, quando o grupo da nossa simpatia foi mais feliz a actuar?

Está o Andebol, no nosso Distrito, na... meninice.

Todos juntos, sem desfalecimentos, com interesse e verdadeiro entusiasmo muito podemos fazer em seu benefício. De vagar, com paciência, corrigindo o que está mal e rectificando o que pode ser melhor, muito podemos contribuir para o prestígio e engrandecimento desta modalidade a que, desinteressadamente, nos devotamos.

A Associação a todos acarinhará igualmente, a todos dará o seu melhor esforço para que cada vez façam — se possível — mais e melhor. Apelamos, pois, para a boa vontade de todos aqueles que, com evidente honestidade, queiram connosco lutar pelo engrandecimento do Andebol.

A seguir, incluímos as habituais resenhas dos desafios em que tomaram parte as turmas citadinas.

Galitos, 9 - A. Vareiro, 20

Jogo na penúltima sexta-feira, à noite, no Rinque do Parque. Árbitro — Armindo Teto.

GALITOS — Correia (Abílio); Corte Real, Charneira 2, Lé 2, Mário Júlio 2, Arlindo 3, Júlio, Ferro e Lebre.

A. VAREIRO — Resende; Valde-

Continua na página 6

Beira-Mar, 2 — Pontevedra, 0

JOGO AMIGÁVEL

O desafio não reuniu a presença do público que se aguardava, e isto porque o passado domingo se nos apresentou verdadeiramente estival — convidando, portanto, a saídas para as praias... E assim se explica que o jogo, susceptível de concitar larga afluência de desportistas, tivesse sòmente atraído ao Estádio de Mário Duarte uma assistência quase regular.

Arbitrou o sr. Henrique Silva, coadjuvado pelos srs. Carlos Paula (bancada) e Mário Silva (peão), e as turmas apresentaram:

Beira-Mar — *Violas (Sidónio); Evaristo (Louceiro), Liberal e Jurado (Evaristo); Amândio (Hassane Aly) e Marçal; Miguel (Calisto), Laranjeira (Amaral), Diego, Garcia e Paulino.*

Pontevedra — *Gato (Esteves); Firt (Bolita), Deza e Bolita (Rebeca); Diaz e Manin; La Morena, Villa, Iglesias (J. Jorge), Trujillo (Ferradoz) e Monchito.*

Ao intervalo havia 0-0.

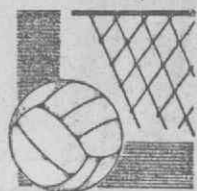
No segundo tempo, aos 53 m., EVARISTO conseguiu inaugurar o marcador, transformando — com um tiro indefensável — um *penalty* injustamente assinalado pelo árbitro.

Aos 81 m., GARCIA fixou o resultado final, concluindo, com muita oportunidade, com remate rente ao solo e fora do alcance do *keeper*, em magnífico passe efectuado por Calisto.

*

E' bem conhecido que os jogos de competição e os encontros amistosos vivem, na maior parte dos casos, em *climas* de interesse bem diferentes. Todavia, sempre

Continua na página 6

BASQUETEBOL

Campeonato Nacional da III Divisão

O SANGALHOS ganhou, com brilho, a Série de Aveiro

Na última ronda da presente fase do Campeonato Nacional da III Divisão, a Sanjoanense não compareceu em Cucujães — mas como o desafio nada influía no apuramento do primeiro, o caso pouca importância teve. No entanto, é de lamentar-se tal atitude dos sanjoanenses, que, ao que sabemos, participaram, antecipadamente, que não se deslocavam...

Nos jogos efectuados, os resultados foram estes: SANGALHOS, 49 — ILLIABUM, 25 e AMONÍACO, 25 — AVANCA, 19.

A classificação final ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sangalhos	10	9	—	1	509-308	18
Cucujães	10	7	—	3	321-262	14
Sanjoanense	10	7	—	3	481-343	14
Illiabum	10	5	—	5	364-352	10
Amoníaco	10	2	—	8	250-366	4
Avanca	10	—	—	10	205-509	0

Com muito brilho e inteira justiça, a turma do Sangalhos qualificou-se para prosseguir, representando Aveiro, no torneio nacio-

Continua na página 6

Em 3 de Junho, novo sarau ginástico do Sporting de Aveiro

PROFUNDAMENTE devotado aos problemas inerentes à cultura física dos jovens citadinos, o Sporting Clube de Aveiro tem vindo a manter, com louvável carinho, as suas classes infantis de ginástica. Após mais um ano de trabalhos, competentemente orientados pelos prof.s D. Maria Helena Silva e António José Castanho, chegou agora a altura dos moços aveirenses se apresentarem em público, para mostrarem o grande somatório de benefícios que as práticas ginásticas, quando bem reguladas e doseadas a preceito, a todas podem trazer.

Como na semana finda, e em primeira mão, o Litoral revelou, projectam os operosos dirigentes do Sporting de Aveiro reeditar o magnífico sarau ginástico levado a efeito no Teatro Aveirense, em 30 de Maio de 1959. Para tanto, o programa do festival de 3 de Junho próximo — também a realizar no Teatro Aveirense — está a ser cuidadosamente elaborado.

Hoje, e na impossibilidade de o publicarmos já, apenas poderemos acrescentar que, além das classes infantis (mistas e de rapazes) de ginástica educativa do Sporting de Aveiro, actuam no sarau as famosas classes de ginástica aplicada e rítmica musicada (senhoras) do Sporting Clube de Portugal, ambas orientados pelo prof. Robalo Gouveia — que tanto êxito conseguiram em Aveiro no já aludido sarau de 30 de Maio de 1959.

As ginastas do Sporting Clube de Portugal, numa das suas magníficas exibições em Maio de 1959, no Teatro Aveirense. À direita, o monitor prof. Robalo Gouveia.

Começa hoje a TAÇA

Realizam-se esta noite, com início às 22 horas, os desafios correspondentes à primeira eliminatória da primeira fase da Taça de **Portugal.** Na Zona Norte, em que, por sorteio, virá a ser incluído o Desportivo de Lourenço Marques e ficou isento da primeira eliminatória o Sangalhos, os jogos são estes:

Em Estarreja, **Amoníaco-Académica.** Em S. João da Madeira, **Desportivo da Figueira da Foz-Futebol Clube do Porto.** Na Figueira da Foz, **Caldas-Fluvial.** No Porto, **Educação Física - Boavista.** Em Aveiro, **Beira Mar-Galitos.**

ROTARY CLUBE

Como se anunciou nestas colunas, realizou-se, no passado domingo, em S. Jacinto, uma animada reunião rotária, em que compareceram, com senhoras de suas famílias, elementos dos Rotary Clubes de Viana do Castelo, Porto, Matosinhos, Viseu, Coimbra, Figueira da Foz e Aveiro, num total de cerca de cento e oitenta pessoas.

Presidiu o sr. Egas Salgueiro, Presidente do Rotary Clube de Aveiro, vendo-se ainda, na mesa de honra, as seguintes individualidades: Governador do Distrito Rotário, sr. Dr. João Pinto Ribeiro, e esposa; Presidente da Comissão Municipal de Turismo, sr. Eng.º Alberto Branco Lopes, e esposa; presidentes do Rotary de Viseu, sr. Jaime Ribeiro, e esposa, do Rotary do Porto, sr. Domingos Ferreira, e da Figueira da Foz, sr. Dr. Rodrigo Santiago.

O sr. Joaquim de Sá, do Rotary Clube do Porto, prestou a habitual saudação à Bandeira Nacional, enquanto se ouviam os acordes de A Portuguesa.

Dirigiu o Protocolo o sr. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, e, iniciando o Período de Actualidades e Curiosidades, *o sr. Eduardo Cerqueira proferiu uma interessante palestra em que falou sobre a Ria de Aveiro. A seguir, e sucessivamente, apresentaram comunicações os srs. Mário Matos, de Viseu; Domingos Ferreira, do Porto; Joaquim Carneiro, da Figueira da Foz; Joaquim Sá, do Porto; Carlos Manuel Gamelas, de Aveiro; Jaime Ribeiro, de Viseu; Dr. Manuel Cardoso, de Coimbra; Eng.º Dias Coelho, de Viana do Castelo; Arnaldo Estrela Santos, de Aveiro; Dr. Rodrigo Santiago, da Figueira da Foz; José Lemos, também da Figueira da Foz; e Joaquim Barroca, do Porto.*

Agradecendo o convite que lhe tinha sido feito para assistir àquela reunião, falou, também, o sr. Eng.º Branco Lopes, Presidente da Comissão de Turismo. A seguir, o sr. Dr. João Pinto Ribeiro pronunciou judiciosas e oportunas considerações sobre Rotary.

A finalizar, o Presidente do Rotary Clube de Aveiro, congratulou-se com o brilhantismo da reunião; saudou a Imprensa, relevando a sua missão; e propôs que se enviasse ao Rotary Clube de Luanda um telegrama de solidariedade no actual momento histórico do nosso País.

A proposta do sr. Egas Salgueiro foi aprovada por aclamação.

Na gravura — O sr. Engenheiro Alberto Branco Lopes, no uso da palavra

Pela Câmara Municipal

Presidência

★ Por motivo da passagem do quarto aniversário da sua posse, o sr. Dr. Alberto Souto foi cumprimentado no seu gabinete pelo pessoal superior da Repartição de Obras, em nome do qual falou o sr. Eng.º António da Nóbrega Canelas, cujas palavras foram agradecidas pelo Presidente homenageado.

★ O sr. Presidente da Câmara, acompanhado pelo Chefe da Secretaria, sr. Dário Ladeira, esteve em Lisboa, na última semana, tratando em várias repartições dos ministérios das Finanças, da Educação Nacional, das Obras Públicas e das Comunicações, de assuntos e problemas pendentes, alguns dos quais de grande importância e urgência, principalmente os referentes à urbanização.

No Ministério das Finanças, tomou conhecimento de estar em condições de ser autorizado o pedido de empréstimo de 10 000 contos pedido em fins de 1960, com a seguinte finalidade: — 4 000 contos para o novo Matadouro; 3 500 contos para compra de prédios e obras de urbanização; 2 000 contos para o novo edifício a construir na Praça da República e destinado às Finanças concelhias, Turismo, Biblioteca, Arquivo e Serviços Culturais; e 700 contos para as casas dos magistrados, a edificar no gaveto da Rua Nova do Príncipe Perfeito com a Rua do Dr. António Nascimento Leitão.

Deste empréstimo sairão verbas necessárias à urbanização à volta do Museu Regional, Praça do Milenário, Escola Industrial, Praça da Nova Catedral, Avenida de Portugal e nova entrada do Sul da cidade, o que permitirá a venda de alguns terrenos para construção particular já na posse da Câmara.

O sr. Dr. Alberto Souto entregou pessoalmente ao sr. Ministro das Obras Públicas o projecto de remodelação do centro citadino — que abrange a Praça do Milenário, Rua de 5 de Outubro, imediações da Sé e do Museu, ruas de Cagadores 10 e de Homem Christo, Ponte-praça, Rua de Coimbra e Rua do Clube dos Galitos, projecto este elaborado pelos srs. arquitectos-urbanistas conforme as determinações do sr. Eng.º Arantes e Oliveira, de 10 de Dezembro de 1960, tendo recebido do ilustre membro do Governo as melhores impressões.

No Ministério das Comunicações, o Presidente da Câmara lembrou as dificuldades do posso de nível de Esgueira e a necessidade da autorização das carreiras rurais dos nossos Transportes Colectivos.

O sr. Dr. Alberto Souto deslocou-se ainda a Almada onde teve ocasião de observar os progressos urbanísticos locais, o Matadouro Municipal e o recinto da piscina desportiva construída por uma empresa particular sobre a estrada para Setúbal.

No Ministério do Interior, o Presidente da Câmara deixou o seu cartão de cumprimentos ao novo Ministro.

Novas Escolas Primárias

A Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias da Secção do Centro comunicou à Câmara que foram aprovados os desenhos dos terrenos escolhidos para a construção dos edifícios escolares de Vilar, Bonsucesso e Quintãs.

Abastecimento de água a Eixo

Vai ser construída uma estação de tratamento de água ùltimamente captada em Eixo para abastecimento da população.

Estrada do Marco da Oliveirinha à E. N. 235, em S. Bernardo

Em 24 do corrente foi assinada na presidência da Câmara a escritura de empreitada desta obra pela verba de 267 500$00.

O referido troço da estrada será pavimentado a cubos de granito e a obra, pela sua urgência, não é comparticipada pelo Estado.

Aviso militar

Segundo comunicação do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 10 à Câmara, foi ordenada a antecipação dos 3.º e 4.º turnos de incorporação do corrente ano para os dias 18, 19 e 20 de Junho e para meados de Agosto, em datas a designar, dos mancebos destinados ao Serviço Geral; para o dia 26 de Junho, dos mancebos destinados ao Curso de Sargentos Milicianos; e, para o dia 1 de Agosto, dos mancebos destinados ao Curso de Oficiais Milicianos.

Movimento marítimo

★ Em 17, procedente de Dalvik, Islândia, entrou o navio-motor dinamarquês *ALFA*, com 725 toneladas de bacalhau fresco, e saiu, para a Figueira da Foz, a reboque do *DARQUE*, o batelão *PEDRA 12*.

★ Em 18, vindo de Lisboa com 1 550 toneladas de gasóleo e petróleo, entrou o navio-tanque *SACOR* que, no mesmo dia, depois de descarregado, regressou a Lisboa.

★ Em 19, procedente de Setúbal, com 80 toneladas de cimento, entrou o galeão-motor *PRAIA DA SAÚDE*, e saiu, para Leixões, em lastro, o navio-motor dinamarquês *ALFA*.

★ Em 20, saiu para o Porto, vazio, o galeão-motor *PRAIA DA SAÚDE*.

Conservatório Regional de Aveiro

Conforme noticiámos, realiza-se na próxima segunda-feira, a primeira audição escolar dos alunos do Conservatório Regional de Aveiro.

Serão executantes os seguintes alunos da Classe de Piano da professora sr.ª D. Maria Leonor Teixeira Pulido: Ana Mafalda Castelo-Branco, Olga Madília Dias Moreira, Maria Margarida Patrício de Morais, Wanda Gama Pissa, Manuel Pinho Martins, Jorge Manuel Lavrador Quininha, Helena Maria Prado Martins, Maria Eneida Briosa e Gala, António Filipe Cardoso, Maria Manuela Bixirão Neto, Maria de Fátima Rodrigues Leitão, Ana Isabel Couto Faria Duarte, Maria Isabel dos Santos Prado Martins, Aldina Rosália Rebelo e Silva Ladeira, Elisabeth da Cruz Lima e José Manuel Campos Lopes.

A audição, que se efectua no Ginásio do Liceu Nacional de Aveiro, começa às 21.30 horas, e termina com a actuação da Classe do Canto Coral Infantil.

Serviço Nacional de Madrinhas

Com o pedido de publicação, recebemos da Comissão Distrital de Aveiro do *Movimento Nacional Feminino* o seguinte comunicado:

Condições de inscrição no Serviço Nacional de Madrinhas

1.º — Ter nacionalidade portuguesa. 2.º — Ser maior de 21 anos. Ter idoneidade moral. 4.º — Ser animada por ardente espírito patriótico e ter capacidade de sacrifício. 5.º — Ser corajosa; ter confiança na vitória e saber transmiti-la.

Obrigações das Madrinhas

1.º — Manter correspondência regular com o seu afilhado, prestando-lhe todo o apoio moral e fazendo-lhe sentir que o seu sacrifício pela Pátria é compreendido e reconhecido por todas as mulheres portuguesas. 2.º — Estabelecer contacto com a família do seu afilhado, amparando-a moralmente e, se for necessário, materialmente, recorrendo ao Serviço Nacional de Madrinhas sempre que não possa resolver por si só o problema moral ou material que se lhe depare.

Todas as senhoras que desejarem inscrever-se no *Serviço Nacional de Madrinhas* podem dirigir-se a qualquer das seguintes componentes da Comissão Distrital de Aveiro do Movimento Nacional Feminino: D. Hermeliana Tavares Barreto — Rua dos Comb. da G. Guerra, 106; D. Conceição Miranda Salgueiro — Rua de Santa Joana, 31; Dr.ª D. Amélia Rosa Azevedo Matos — Rua de Jaime Moniz, 44; D. Maria Teresa Restani Graça Alves Moreira — Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 264; e D. Matilde Rosa Ferreira — Rua de S. Sebastião.

«Porcelanas de Aveiro»

Hoje, pelas 12 horas, e na presença de diversos convidados, a conhecida firma local *As Porcelanas de Aveiro, L.da*, inaugura, ao n.º 58 da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, o seu «stand» de exposições e vendas.

A nova casa, denominada *Porcelanas de Aveiro*, muito virá enriquecer o nosso meio comercial. Trata-se de um estabelecimento de linhas modernas, construído e mobilado sob orientação do sr. Arquitecto Alfredo de Magalhães.

Exposição de trabalhos escolares

No dia 10 do próximo mês de Junho, no Liceu, realiza-se uma exposição de trabalhos dos alunos deste estabelecimento de ensino. O certame estará patente ao público das 9 às 19 horas.

Dr. José Augusto Ferrer Antunes

Fomos dolorosamente surpreendidos com a notícia do falecimento, no dia 18 do corrente, em Coimbra, do sr. Dr. José Augusto Ferrer Antunes.

O saudoso extinto, que nasceu em Aveiro e contava 53 anos, foi nesta cidade empregado comercial; mas, dotado de extraordinária força de vontade, fez, apenas em três anos, o curso dos liceus, tendo concluído depois a sua formatura, ràpidamente ingressando no magistério liceal.

O Dr. Ferrer Antunes, ao tempo que desempenhava as funções de professor do Liceu de D. João III, em Coimbra, frequentou Medicina, tendo concluído há anos a sua formatura, também nessa faculdade, com muito brilhantismo.

Carácter impoluto, culto, inteligente e dinâmico, era por todos estimado e admirado, tendo a sua morte causado geral consternação.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria Helena de Freitas Rodrigues Ferrer Antunes; era pai do estudante Carlos Alberto Freitas Ferrer Antunes; e irmão do sr. Coronel Júlio Ferrer Antunes, distinto oficial, bem conhecido em Aveiro, onde, durante muitos anos serviu e comandou o Regimento de Cavalaria 5.

À família enlutada os pêsames do Litoral

Dr. José Abílio dos Santos Clemente

Missa do 1.º aniversário

A família do Dr. José Abílio dos Santos Clemente participa que manda celebrar missa de sufrágio por alma do seu saudoso parente, no próximo sábado, dia 3 de Junho, pelas 10 horas, na igreja paroquial da Vera-Cruz.

—

A Direcção do Sporting Clube de Aveiro convida todos os seus associados a assistir à missa de sufrágio que, por alma do saudoso Dr. José Abílio dos Santos Clemente — que foi Director deste Clube e grande amigo da nossa cidade, onde se radicou e constituiu família — será mandada rezar no dia 3 de Junho, pelas 10 horas, na igreja paroquial da Vera-Cruz.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Dia	Farmácia
Sábado	MOURA
Domingo	CENTRAL
2.ª feira	MODERNA
3.ª feira	ALA
4.ª feira	CALADO
5.ª feira	AVEIRENSE
6.ª feira	SAÚDE

ROTARY CLUBE

Como se anunciou nestas colunas, realizou-se, no passado domingo, em S Jacinto, uma animada reunião rotária, em que compareceram, com senhoras de suas famílias, elementos dos Rotary Clubes de Viana do Castelo, Porto, Matosinhos, Viseu, Coimbra, Figueira da Foz e Aveiro, num total de cerca de cento e oitenta pessoas.

Presidiu o sr. Egas Salgueiro, Presidente do Rotary Clube de Aveiro, vendo-se ainda, na mesa de honra, as seguintes individualidades: Governador do Distrito Rotário, sr. Dr. João Pinto Ribeiro, e esposa; Presidente da Comissão Municipal de Turismo, sr. Eng.º Alberto Branco Lopes, e esposa; presidentes do Rotary de Viseu, sr. Jaime Ribeiro, e esposa, do Rotary do Porto, sr. Domingos Ferreira, e da Figueira da Foz, sr. Dr. Rodrigo Santiago.

O sr. Joaquim de Sá, do Rotary Clube do Porto, prestou a habitual saudação à Bandeira Nacional, enquanto se ouviam os acordes de A Portuguesa.

Dirigiu o Protocolo o sr. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, e, iniciando o Período de Actualidades e Curiosidades, *o sr. Eduardo Cerqueira proferiu uma interessante palestra em que falou sobre a Ria de Aveiro. A seguir, e sucessivamente, apresentaram comunicações os srs. Mário Matos, de Viseu; Domingos Ferreira, do Porto; Joaquim Carneiro, da Figueira da Foz; Joaquim Sá, do Porto; Carlos Manuel Gamelas, de Aveiro; Jaime Ribeiro, de Viseu; Dr. Manuel Cardoso, de Coimbra; Eng.º Dias Coelho, de Viana do Castelo; Arnaldo Estrela Santos, de Aveiro; Dr. Rodrigo Santiago, da Figueira da Foz; José Lemos, também da Figueira da Foz; e Joaquim Barroca, do Porto.*

Agradecendo o convite que lhe tinha sido feito para assistir àquela reunião, falou, também, o sr. Eng.º Branco Lopes, Presidente da Comissão de Turismo. A seguir, o sr. Dr. João Pinto Ribeiro pronunciou judiciosas e oportunas considerações sobre Rotary.

A finalizar, o Presidente do Rotary Clube de Aveiro, congratulou-se com o brilhantismo da reunião; saudou a Imprensa, relevando a sua missão; e propôs que se enviasse ao Rotary Clube de Luanda um telegrama de solidariedade no actual momento histórico do nosso País.

A proposta do sr. Egas Salgueiro foi aprovada por aclamação.

Na gravura — O sr. Engenheiro Alberto Branco Lopes, no uso da palavra

Pela Câmara Municipal

Presidência

★ Por motivo da passagem do quarto aniversário da sua posse, o sr. Dr. Alberto Souto foi cumprimentado no seu gabinete pelo pessoal superior da Repartição de Obras, em nome do qual falou o sr Eng.º António da Nóbrega Canelas, cujas palavras foram agradecidas pelo Presidente homenageado.

★ O sr. Presidente da Câmara, acompanhado pelo Chefe da Secretaria, sr. Dário Ladeira, esteve em Lisboa, na última semana, tratando em várias repartições dos ministérios das Finanças, da Educação Nacional, das Obras Públicas e das Comunicações, de assuntos e problemas pendentes, alguns dos quais de grande importância e urgência, principalmente os referentes à urbanização.

No Ministério das Finanças, tomou conhecimento de estar em condições de ser autorizado o pedido de empréstimo de 10 000 contos pedido em fins de 1960, com a seguinte finalidade: — 4 000 contos para o novo Matadouro; 3 500 contos para compra de prédios e obras de urbanização; 2 000 contos para o novo edifício a construir na Praça da República e destinado às Finanças concelhias, Turismo, Biblioteca, Arquivo e Serviços Culturais; e 700 contos para as casas dos magistrados, a edificar no gaveto da Rua Nova do Príncipe Perfeito com a Rua do Dr. António Nascimento Leitão.

Deste empréstimo sairão verbas necessárias à urbanização à volta do Museu Regional, Praça do Milenário, Escola Industrial, Praça da Nova Catedral, Avenida de Portugal e nova entrada do Sul da cidade, o que permitirá a venda de alguns terrenos para construção particular já na posse da Câmara.

O sr. Dr. Alberto Souto entregou pessoalmente ao sr. Ministro das Obras Públicas o projecto de remodelação do centro citadino — que abrange a Praça do Milenário, Rua de 5 de Outubro, imediações da Sé e do Museu, ruas de Caçadores 10 e de Homem Christo, Ponte-praça, Rua de Coimbra e Rua do Clube dos Galitos, projecto este elaborado pelos srs. arquitectos-urbanistas conforme as determinações do sr. Eng.º Arantes e Oliveira, de 10 de Dezembro de 1960, tendo recebido do ilustre membro do Governo as melhores impressões.

No Ministério das Comunicações, o Presidente da Câmara lembrou as dificuldades do posso de nível de Esgueira e a necessidade da autorização das carreiras rurais dos nossos Transportes Colectivos.

O sr. Dr. Alberto Souto deslocou-se ainda a Almada onde teve ocasião de observar os progressos urbanísticos locais, o Matadouro Municipal e o recinto da piscina desportiva construida por uma empresa particular sobre a estrada para Setúbal.

No Ministério do Interior, o Presidente da Câmara deixou o seu cartão de cumprimentos ao novo Ministro.

Novas Escolas Primárias

A Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias da Secção do Centro comunicou à Câmara que foram aprovados os desenhos dos terrenos escolhidos para a construção dos edifícios escolares de Vilar, Bonsucesso e Quintãs.

Abastecimento de água a Eixo

Vai ser construida uma estação de tratamento de água ùltimamente captada em Eixo para abastecimento da população.

Estrada do Marco da Oliveirinha à E. N. 235, em S. Bernardo

Em 24 do corrente foi assinada na presidência da Câmara a escritura de empreitada desta obra pela verba de 267 500$00.

O referido troço da estrada será pavimentado a cubos de granito e a obra, pela sua urgência, não é comparticipada pelo Estado.

Aviso militar

Segundo comunicação do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 10 à Câmara, foi ordenada a antecipação dos 3.º e 4.º turnos de incorporação do corrente ano para os dias 18, 19 e 20 de Junho e para meados de Agosto, em datas a designar, dos mancebos destinados ao Serviço Geral; para o dia 26 de Junho, dos mancebos destinados ao Curso de Sargentos Milicianos; e, para o dia 1 de Agosto, dos mancebos destinados ao Curso de Oficiais Milicianos.

Movimento marítimo

★ Em 17, procedente de Dalvik, Islândia, entrou o navio-motor dinamarquês *ALFA*, com 725 toneladas de bacalhau fresco, e saiu, para a Figueira da Foz, a reboque do *DARQUE*, o batelão *PEDRA 12*.

★ Em 18, vindo de Lisboa com 1 550 toneladas de gasóleo e petróleo, entrou o navio-tanque *SACOR* que, no mesmo dia, depois de descarregado, regressou a Lisboa.

★ Em 19, procedente de Setúbal, com 80 toneladas de cimento, entrou o galeão-motor *PRAIA DA SAÚDE*, e saiu, para Leixões, em lastro, o navio-motor dinamarquês *ALFA*.

★ Em 20, saiu para o Porto, vazio, o galeão-motor *PRAIA DA SAÚDE*.

Conservatório Regional de Aveiro

Conforme noticiámos, realiza-se na próxima segunda-feira, a primeira audição escolar dos alunos do Conservatório Regional de Aveiro.

Serão executantes os seguintes alunos da Classe de Piano da professora sr.ª D. Maria Leonor Teixeira Pulido: Ana Mafalda Castelo-Branco, Olga Madília Dias Moreira, Maria Margarida Patrício de Morais, Wanda Gama Pissa, Manuel Pinho Martins, Jorge Manuel La-Lavradòr Quininha, Helena Maria Prado Martins, Maria Eneida Briosa e Gala, António Filipe Cardoso, Maria Manuela Bixirão Neto, Maria de Fátima Rodrigues Leitão, Ana Isabel Couto Faria Duarte, Maria Isabel dos Santos Prado Martins, Aldina Rosália Rebelo e Silva Ladeira, Elisabeth da Cruz Lima e José Manuel Campos Lopes.

A audição, que se efectua no Ginásio do Liceu Nacional de Aveiro, começa às 21.30 horas, e termina com a actuação da Classe do Canto Coral Infantil.

Serviço Nacional de Madrinhas

Com o pedido de publicação, recebemos da Comissão Distrital de Aveiro do *Movimento Nacional Feminino* o seguinte comunicado:

Condições de inscrição no Serviço Nacional de Madrinhas

1.º — Ter nacionalidade portuguesa. 2.º — Ser maior de 21 anos. Ter idoneidade moral. 4.º — Ser animada por ardente espírito patriótico e ter capacidade de sacrifício. 5.º — Ser corajosa; ter confiança na vitória e saber transmiti-la.

Obrigações das Madrinhas

1.º — Manter correspondência regular com o seu afilhado, prestando-lhe todo o apoio moral e fazendo-lhe sentir que o seu sacrifício pela Pátria é compreendido e reconhecido por todas as mulheres portuguesas. 2.º — Estabelecer contacto com a família do seu afilhado, amparando-a moralmente e, se for necessário, materialmente, recorrendo ao Serviço Nacional de Madrinhas sempre que não possa resolver por si só o problema moral ou material que se lhe depare.

Todas as senhoras que desejarem inscrever-se no *Serviço Nacional de Madrinhas* podem dirigir-se a qualquer das seguintes componentes da Comissão Distrital de Aveiro do Movimento Nacional Feminino: D. Hermeliana Tavares Barreto — Rua dos Comb. da G. Guerra, 106; D. Conceição Miranda Salgueiro — Rua de Santa Joana, 31; Dr.ª D. Amélia Rosa Azevedo Matos — Rua de Jaime Moniz, 44; D. Maria Teresa Restani Graça Alves Moreira — Av. do Dr. Lourenço Peixinho, 264; e D. Matilde Rosa Ferreira — Rua de S. Sebastião.

«Porcelanas de Aveiro»

Hoje, pelas 12 horas, e na presença de diversos convidados, a conhecida firma local *As Porcelanas de Aveiro, L.da*, inaugura, ao n.º 58 da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, o seu «stand» de exposições e vendas.

A nova casa, denominada *Porcelanas de Aveiro*, muito virá enriquecer o nosso meio comercial. Trata-se de um estabelecimento de linhas modernas, construido e montado sob orientação do sr. Arquitecto Alfredo de Magalhães.

Exposição de trabalhos escolares

No dia 10 do próximo mês de Junho, no Liceu, realiza-se uma exposição de trabalhos dos alunos deste estabelecimento de ensino. O certame estará patente ao público das 9 às 19 horas.

Dr. José Augusto Ferrer Antunes

Fomos dolorosamente surpreendidos com a notícia do falecimento, no dia 18 do corrente, em Coimbra, do sr. Dr. José Augusto Ferrer Antunes.

O saudoso extinto, que nasceu em Aveiro e contava 53 anos, foi nesta cidade empregado comercial; mas, dotado de extraordinária força de vontade, fez, apenas em três anos, o curso dos liceus, tendo concluido depois a sua formatura, ràpidamente entrando no magistério liceal.

O Dr. Ferrer Antunes, ao tempo que desempenhava as funções de professor do Liceu de D. João III, em Coimbra, frequentou Medicina, tendo concluido há anos a sua formatura, também nesta faculdade, com muito brilhantismo.

Carácter impoluto, culto, inteligente e dinâmico, era por todos estimado e admirado, tendo a sua morte causado geral consternação.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria Helena de Freitas Rodrigues Ferrer Antunes; era pai do estudante Carlos Alberto Freitas Ferrer Antunes; e irmão do sr. Coronel Júlio Ferrer Antunes, distinto oficial, bem conhecido em Aveiro, onde, durante muitos anos serviu e comandou o Regimento de Cavalaria 5.

À família enlutada os pêsames do Litoral

Dr. José Abílio dos Santos Clemente

Missa do 1.º aniversário

A família do Dr. José Abílio dos Santos Clemente participa que manda celebrar missa de sufrágio por alma do seu saudoso parente, no próximo sábado, dia 3 de Junho, pelas 10 horas, na igreja paroquial da Vera-Cruz.

—

A Direcção do Sporting Clube de Aveiro convida todos os seus associados a assistir à missa de sufrágio que, por alma do saudoso Dr. José Abílio dos Santos Clemente — que foi Director deste Clube e grande amigo da nossa cidade, onde se radicou e constituiu família — será mandada rezar no dia 3 de Junho, pelas 10 horas, na igreja paroquial da Vera-Cruz.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	MOURA
Domingo	CENTRAL
2.ª feira	MODERNA
3.ª feira	A L A
4.ª feira	CALADO
5.ª feira	AVEIRENSE
6.ª feira	SAÚDE

Continuações da terceira página

DESPORTOS

Andebol de 7

mar 3, Gomes Neves 6, Serafim 3, Fidalgo 1, Zeferino 5 e Natária 2.

1.ª parte: 3-8 2.ª parte: 6-12.

O jogo foi modesto. Sem vibração, o Galitos acabou por sofrer novo desaire robusto — desta vez porque os seus guarda-redes estiveram, também, um tudo-nada irreconhecíveis...

O Atlético Vareiro, jogando melhor, voltou, no entanto, a ser feliz em Aveiro: com menos um jogador (por expulsão temporária do dianteiro Natária), logrou *fugir* na marcação, de 2-4 para 2 8... Depois, voltando a alinhar em todo o segundo tempo sem um elemento (Natária, durante o intervalo, foi definitivamente expulso), os vareiros chegaram a um avanço de 10-3, que os aveirenses, aos 13 m., tinham reduzido sòmente para 7-10. Neste ponto, a sorte do jogo inclinou-se para os forasteiros — que, beneficiando de uma série de *frangos* dos guardiões do Galitos, puderam descansar totalmente quando, aos 21 m., Charneira foi temporàriamente expulso: de 13-8 passaram para 19 8...

Nota estatística: o Galitos enviou dez remates à madeira das balizas (no número incluem-se dois *penalties*...); e o Atlético Vareiro mandou cinco vezes a bola à trave.

Arbitragem certa.

Avanca, 10 - Beira-Mar, 18

Jogo no domingo, de manhã, em Avanca. Árbitro — Albano Pinto.

AVANCA — Matos, Pombo 3, Domingos, Coelho, Zé Maria 1, Rodrigues 1 e Nunes 5.

BEIRA-MAR — Gomes (Pedraso); Lourenço 2, Luís Olinto 1, Carvalho, Gamelas 5, Agostinho 9, Vítor 1, Gomes II e Martins.

1.ª parte: 7-7. 2.ª parte: 3-11.

Os beiramarenses sentiram algumas dificuldades, na metade inicial, mas, depois, impuseram-se de forma decisiva e ganharam sem discussão.

Arbitragem bem conduzida.

★ Outros resultados da nona jornada: ESCOLA LIVRE, 11 — ACADÉMICA, 17 e AMONÍACO, 4 — ESPINHO, 14.

Beira-Mar, 21 - Amoníaco, 7

Jogo na terça-feira finda, à noite, no Rinque do Parque. Árbitro — Vasco Pinho.

BEIRA-MAR — Pedrosa (Naia); Lourenço 1, Luís Olinto 1, Gamelas 3, Vítor 2, Cerqueira 4, Agostinho 9, Gomes II 1 e Martins 1.

AMONÍACO — Viana; Gouveia, Gilberto, Cavaleiro 1, Miranda, Guilherme 2, Valente 2, César 2 e Mendonça.

1.ª parte: 9-4. 2.ª parte: 12-3.

O jogo foi fértil em motivos de agrado, que nos cumpre assinalar, para além do triunfo fácil e incontestável dos negro-amarelos. Vejamos, pois: os estarrejenses evidenciam nítidos progressos, possuindo elementos de rara intuição e muito gosto pelo andebol — oxalá, portanto, prossigam acarinhando a modalidade; depois, no tocante aos beiramarenses, verificou-se o regresso de Cerqueira (que agora acabou de cumprir a suspensão que lhe foi aplicada), e a estreia, esta época, do *keeper* José Naia — chamado para remediar a ausência do titular Gomes, que não alinhou, por doença, tal como Carvalho.

Um pormenor, a finalizar: em remates na madeira das balizas, o Amoníaco venceu por 7-6...

Arbitragem facilitada, que procurou ser imparcial.

Académica, 15 - Galitos, 8

Jogo na terça-feira, à noite, no Campo de Santa Cruz, em Coimbra. Árbitro — Albano Baptista.

ACADÉMICA — Armando (Monteiro); Armândio 2, Paquim 3, Viana da Costa 1, Condado 1, Tribuna 4, Barros 4, Matos Cabo e Celso.

GALITOS — Abílio; Rosas, Lé 1, Charneira 2, Martins de Sá, Arlindo 3, Júlio, Correia 2 e Lebre.

1.º parte: 6-4. 2.ª parte: 9-4.

Com uma formação de recurso, bem diversa da habitual — repare-se que, na ausência de alguns titulares, o *keeper* Correia teve de actuar como jogador de campo — o Galitos conseguiu um desfecho sobremaneira honroso, dificultando ao máximo o êxito da turma estudantil.

Na metade inicial houve manifesto equilíbrio, registando-se igualdades a 2 e a 3 golos. Depois, o Galitos ainda se manteve largo período sòmente com a desvantagem de três bolas (7-10); mas a Académica, nos últimos momentos, conseguiu ampliar o *score*.

★ Outros resultados da décima jornada: ATLÉTICO VAREIRO, 22 — ESCOLA LIVRE, 2 e ESPINHO, 29 — AVANCA, 4.

★ Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
A. Vareiro	10	9	—	1	155-84	28
Beira-Mar	10	9	—	1	166-95	28
Académica	9	8	—	1	144-80	25
Espinho	10	7	—	3	156-80	24
E. Livre	10	3	—	7	97-152	16
Galitos	10	2	—	8	90-122	14
Avanca	10	1	—	9	66-143	12
Amoníaco	9	—	—	9	52-165	9

★ Ontem, a prova prosseguiu, com a efectivação do desafio *Académica-Amoníaco*, da oitava jornada, que se encontrava em atraso, e com os desafios *Galitos - Espinho (7-9)* e *Escola-Livre-Beira-Mar (8-20)*, estes da décima primeira jornada, que se completa no domingo, com os encontros *Avanca - Académica (6-23)* e *Amoníaco-Atlético Vareiro (2-22)*.

★ No terça-feira, dia 30, efectuam-se três jogos da décima segunda jornada: *Escola Livre - Galitos (10-8), Atlético Vareiro - Académica (8-20)* e *Beira-Mor - Espinho (15 13)*.

Campeonato Distrital de Juniores

A pedido da Associação Académica de Coimbra, trocou-se a ordem dos jogos entre o grupo dos estudantes e o Beira-Mar, que, assim, se defrontaram já nesta cidade, na terça feira passada.

Como o Grupo Atlético Vareiro decidiu, agora, desistir da prova, sòmente beiramarenses e académicos ficam na competição — que, de forma imprevista e verdadeiramente lamentável, irá sofrer um prolongado período de descanso. Efectivamente, o jogo Académica - Beira-Mar está marcado para o dia 6 de Junho próximo, data em que, também em Coimbra, se defrontam os seniores de ambos os clubes.

No jogo efectuado:

Beira-Mar, 14 - Académica, 2

Sob arbitragem do sr. Albano Pinto, que realizou trabalho imparcial e certo, os grupos apresentaram:

BEIRA-MAR — Maio; Paulo 1 Cerqueira 1 Alfredo 1, Alfarelos 6, Picado 4, Velhinho 1, João Afonso e Souto.

ACADÉMICA — Albano; Reis, Pinto Lopes, Esteves 1, Andrade, Leitão, Seco, Silva 1 e Mário.

1.ª parte: 7-0. 2.ª parte: 7-2.

À evidente superioridade técnica, táctica e atlética dos beiramarenses — que se exibiram aquém das suas possibilidades —, opuseram os estudantes uma toada de retenção de bola e muitos vagares, em que também foi notória certa rispidez na zona defensiva...

Desta forma, os visitantes procuraram (e conseguiram...) evitar que os números subissem como há quinze dias antes no desafio particular efectuado naquele mesmo recinto (a marca, então, fixou-se num pesado 22-0...).

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato de Centro

Termas, 8 — Galitos, 3

Sob arbitragem do sr. Joaquim Rolo, os grupos apresentaram:

TERMAS — Lobo, Cristino I, António José, Agostinho e Morais. Supls. — Cristino II e Barbosa.

GALITOS — Gil, Lobo, Pratas Goes, Santos e Lé. Supls. — Armando, Albertino e Sarrico.

Na metade inicial, os locais chegaram a 3-0, com golos de **Cristino I**, de «penalty», aos 6 m., **António José**, aos 9 m., e **Agostinho**, aos 11 m.. Mas o Galitos recuperou bem e igualou, com tentos de **Santos**, aos 13 e 17 m., e **Lé**, aos 16 m..

No segundo tempo, **Morais**, aos 4, 5, 14 e 18 m., e **António José**, aos 6 m., fixaram o resultado, que, no entanto, é demasiadamente severo.

Arbitragem aceitável.

Galitos, 5 — Sampedrense, 1

No sábado, no Rinque do Parque, sob arbitragem do sr. Luís Neves, os grupos apresentaram:

GALITOS — Gil, Lé, Pratas Goes, Santos e Élio. Supls. — Armando, Vieira e Albertino.

SAMPEDRENSE — Santos, Correia, Couceiro, Lima e Paiva. Sup. — Farreca.

Ao chegar-se ao intervalo, as equipas estavam empatadas, com golos de **Santos**, aos 9 m., pelo Galitos, e **Paiva**, aos 18 m., pelo Sampedrense. Na segunda metade, o Galitos garantiu o seu merecido êxito, mercê de golos de **Lé**, aos 5, 13 e 14 m., e **Pratas Goes**, aos 9 m..

★ Nos diversos desafios até agora realizados e cujos desfechos não demos ainda a conhecer, têm-se registado as seguintes marcas:

Sampedrense, 4 — Illiabum, 0; e **Sport, 1 — Termas, 3**. Não conseguimos apurar os resultados dos jogos, relativos à sexta jornada, Termas — Académica e Sport — Minas. Em todo o caso, podemos elaborar a classificação geral, que é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	6	3	1	2	27-15	13
Minas	4	4	—	—	22- 4	12
Termas	4	3	—	1	17- 8	10
Académica	4	2	2	—	14- 8	10
Sampedrense	5	1	—	4	10 31	7
Sport	4	1	—	3	10 16	6
Illiabum	5	—	1	4	4 22	6

Esta noite termina a primeira volta da prova, com os jogos *Sampedrense — Termas, Minas — Académica* e *Sport — Illiabum.*

F·U·T·E·B·O·L

Beira-Mar — Pontevedra

que portugueses e espanhois se defrontam, as lutas desportivas ganham fartos motivos de atracção e emotividade.

Foi o caso do passado domingo. A turma espanhola, que se classificou num excelente 4.º lugar na Zona Norte da II Liga do vizinho país e que possui nas suas fileiras cinco elementos que ainda na semana finda foram escolhidos para a Selecção da Galiza, actuou sempre com virilidade e visível determinação, com os olhos postos na conquista de um bom resultado.

E, por seu turno, não deixando os créditos por mãos alheias, o Beira-Mar evidenciou ascendente técnico — que, na segunda metade, se aliou a um maior engodo pelas balizas, factos que lhe garantiram a obtenção de uma vitória inteiramente justa. E se foi pena que tivesse sido uma decisão *patriótica em excesso* do árbitro a abrir o caminho que encarreirou os beiramarenses para esse êxito, não deixa também de ser certo o aludido golo falso como compensação para outros remates, dignos de melhor sorte, que se perderam... (Nota especial merecem um remate de Paulino, à barra, e um forte pontapé de Garcia, a roçar a baliza).

★

Distinguiram-se: Marçal, Evaristo, Sidónio, Liberal, Laranjeira e Garcia, no Beira-Mar; e Gato, Firi, Villa, Diaz e Iglésias, no Pontevedra

O árbitro empanou a sua actuação com o deslize já referido...

★

Assinalando a efectivação do jogo, trocaram-se lembranças, antes do seu começo.

Campeonato Nacional da III Divisão

Com a derrota que sofreu em Vila Real, o Sporting de Espinho sofreu novo e rude golpe nas suas aspirações. Agora, só mercê de uma série de desfechos totalmente favoráveis podem os espinhenses subir para um dos postos de honra...

Resultados do dia: *Varzim, 4-Régua, 0* e *Vila Real, 3-Espinho, 1.*

Classificação actual: *1.º - Varzim, 7 pontos; 2.º - Vila Real, 6 3.º - Espinho, 3; - 4.º - Régua, 0.*

Jogos para amanhã: *Régua - Vila Real (1-2)* e *Espinho - Varzim (0-3).*

Maus ventos pairam sobre o Hóquei em Patins

há, felizmente, que se lhes apontar a mínima incorrecção: comportaram-se como desportistas na total acepção da palavra, facto que nos leva a felicitá-los.

A cinco minutos do termo do encontro, o avançado alvi-rubro Lé, ainda em desiquilíbrio depois de concluir um ataque da sua equipa, foi violentamente agredido; e ao cair por terra ficou a jorrar sangue, abundantemente, tendo de ser imediatamente socorrido no hospital — onde se verificou existir o corte de um vaso sanguíneo da cabeça. O agressor foi expulso. Mas as picardias prosseguiram, só terminando quando o prélio concluiu.

. . . .

A Associação de Patinagem do Centro, em circular de 19 do mês corrente, aplicou suspensões de 10 jogos, a Manuel Coelho (por agressão), de 4 jogos, a José Fernandes Garcia (por prática de jogo violento), e de três meses, ao treinador José da Costa (por desrespeito para com o árbitro e mesa do Júri menosprezando as suas obrigações e responsabilidades disciplinares inerentes ao exercício do seu cargo, mais se agravando o facto por se tratar de antigo árbitro acreditado na A. P. C.); e puniu com repreensão registada Armando Baptista dos Santos (por atitudes anti-desportivas para com os adversários). Todos os citados elementos pertencem, como é óbvio, ao Sport Conimbricense...

. . . .

Relatámos os incidentes e demos conta das punições que a entidade competente resolveu aplicar, quando apreciou os factos ocorridos na noite de 11 do corrente.

Surpreende-nos, sòmente, que nenhum castigo tenha sido determinado relativamente ao recinto; e isto porque, no Campo da Palmeira, tais incidentes estão longe de constituir caso virgem... Já, há anos, com o Galitos, idênticas ocorrências aí tiveram lugar; e, ainda recentemente (na época finda, salvo erro), um desafio Sport-Académica foi um espectáculo tristemente célebre. .

Mas concluindo: não está certo quanto se passou no rinque da Palmeira! Há que prestigiar-se a modalidade, se necessário mesmo sacrificando-se a Associação com a perda de um filiado... É que, se não houver emenda total — como se aguarda, sinceramente —, corre-se o risco de não haver concorrentes que se disponham a deslocar-se ao Campo da Palmeira!

É que os ventos maus que pairam sobre o hóquei em patins, no Centro, nascem todos naquele recinto...

BASQUETEBOL

nal. Mercê de dedicações e sacrifícios de vária ordem, os sangalhenses situam-se, agora, em posição ideal para tentarem a conquista do primeiro título nacional para a Associação de Aveiro.

Treinada por Joaquim Duarte e fortemente moralizada, a equipa bairradina possui inegável valor e capacidade para ir longe na prova em que está envolvida, até porque dispõe de numeroso lote de basquetebolistas interessados em servir os interesses do glorioso Sangalhos Desporto Clube, prestigiando-o uma vez mais.

Na palavra de saudação e no voto de bom final de época em que envolvemos todo o conjunto sangalhense, permitimo-nos, contudo, distinguir o magnífico desportista Feliciano Neves — autênticamente uma dedicação sem limites, uma verdadeira relíquia do Sangalhos, excelente exemplo para os desportistas da *nova vaga*!

Provas Regionais

Jogos de passagem

Após duas horas de luta, no prélio de desempate realizado no domingo, em Águeda, persistiu um empate — 2 a 2 — entre o Anadia e o Vista Alegre, que terão de voltar a defrontar-se, amanhã, mas agora em Ovar.

Ciclismo

I Circuito Ciclista de Cantanhede

No próximo dia 11 de Junho, com início às 16 horas, realiza-se o *I Circuito Ciclista de Cantanhede*, para velocipedistas independentes. A competição, que reunirá o concurso dos mais cotados elementos das melhores equipas portuguesas, está a despertar muito entusiasmo e realiza-se no Estádio Municipal daquela vila.

III Circuito Ciclista da Vila da Feira

Em organização do nosso prezado colega *Notícias — Semanário das Terras de Santa Maria*, teremos brevemente, já em 18 de Junho próximo, o *III Circuito Ciclista da Vila da Feira* — uma prova para independentes que reunirá a presença dos melhores ciclistas nacionais e foi já devidamente consagrada pelo público e pelos responsáveis das mais cotadas turmas velocipédicas do nosso País.

Os organizadores asseguram já a colaboração dos ases mais em evidência no actual momento. A prova principiará às 16.30 horas e, a antecedê-la, haverá uma competição destinada a *populares.*

PROBLEMAS DO SAL

Continuação da primeira página

Tanto nelas como em alguns factos elucidativos que têm chegado ao nosso conhecimento e que muito estimariamos poder revelar pessoalmente, temos sérios fundamentos para supor que alguns responsáveis se encontram apostados em contrariar ou dificultar as determinações do Governo.

No seu lúcido Despacho, o actual e muito ilustre sr. Secretário de Estado do Comércio reconheceu que a evolução dos problemas salineiros «nos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz pelo que respeita ao ajustamento dos preços à produção, parece, no entanto, não se compadecer, sem graves inconvenientes, com a natural demora que haverá na realização destes estudos de reorganização e da adopção das medidas a que venham a dar lugar».

Por isso é que aprovou, a título provisório, «os ajustamentos dos preços do sal fino dos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz, propostos pela Comissão Reguladora, que passam a ser estabelecidos na base de 240$00 por tonelada na produção», a favor da qual deveria reverter o aumento de preço autorizado.

Como à data do Despacho o sal se encontrava «parte na produção e parte nos armazenistas e distribuidores», o sr. Secretário de Estado do Comércio determinou que estes entregassem a diferença que se apurasse relativamente às quantidades que tivessem em armazém.

E' evidente o desejo do ilustre membro do Governo de acudir aos produtores dos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz.

O preço do sal fino dos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz foi oficialmente fixado, em 1953, em 200$00 por tonelada — então um preço justo, *compensador do capital investido nas marinhas e do trabalho dos marnotos.*

Mas de então para cá aumentaram consideràvelmente os encargos da produção, sucederam-se as safras deficitárias (só a de 1957 foi excepcionalmente vultuosa), multiplicaram-se os estragos provocados por invernos rigorosos e agravou-se o custo da vida — por forma que o preço de 200$00 passou a não ser compensador.

A safra de 1956 foi tão exígua que os produtores se viram forçados a contrair empréstimos onerosos de muitas centenas de contos, que muitos não conseguiram ainda pagar ou sequer amortizar: em 16 de Setembro de 1960, o Presidente do Grémio da Lavoura da Figueira da Foz confessava que, por terem sido inferiores as safras de 1958 e 1959, o seu marnoteiro nada tinha podido entregar à conta de um abono de 7 contos que lhe fizera.

Ora a Comissão Reguladora estabeleceu o princípio de que o sal não deveria ser levantado das marinhas, por via de regra, antes do dia 1 de Novembro de cada ano, pois que, podendo o produto sofrer alteração de preço de safra para safra, assim se evitaria que o produtor viesse a ser prejudicado, vendendo o seu sal por um preço inferior ao que fosse justo. Quer dizer: a própria Comissão Reguladora reconheceu que o preço do sal teria de ajustar-se ao custo da produção *e aos* resultados das safras.

Não obstante, quando, em 16 de Setembro de 1958, os honrados e sacrificados marnotos do salgado de Aveiro pediram respeitosamente ao sr. Ministro da Economia que se dignasse acudir à sua precária situação, a Comissão Reguladora declarou-se «absolutamente contrária» ao aumento do preço do sal!

Multiplicaram-se as representações dos produtores dos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz. O Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo — que sempre tem procurado defender os interesses legítimos da produção — *entregou, em 21 de Outubro de 1959, uma cuidada e elucidativa exposição sobre a matéria, a que outras se seguiram. Os srs. governadores civis de Aveiro e de Coimbra, e com eles outras entidades insuspeitas e respeitáveis, interessaram-se pela justa solução do problema e a Imprensa, designadamente o* Litoral *e o* Correio do Vouga, *ventilou-o* honestamente.

Contra a regra por ela própria estabelecida, a Comissão Reguladora, salvo erro a partir de 14 de Julho de 1960, compeliu os comerciantes, sob pena de cancelamento da sua inscrição, a requisitarem imediatamente sal nôvo.

Fê-lo numa altura em que havia sal da safra anterior em quantidade suficiente para o consumo e numa altura em que, tanto em Aveiro como na Figueira da Foz, ainda não havia sal novo ou pouquíssimo havia!

Parece evidente que a Comissão Reguladora procurava conseguir que o sal da colheita de 1960 fosse levantado das marinhas antes de se proceder à revisão dos preços. Por outras palavras: procurava obstar, por esta forma, a que fossem actualizados os preços do sal.

Tal era, porém, a razão que assistia aos produtores dos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz, que o actual sr. Secretário de Estado do Comércio, pelo seu Despacho de 8 de Novembro de 1960, estabeleceu para o sal fino dos salgados nortenhos o preço de 240$00 por tonelada.

É profundamente lamentável que datando a representação dos marnotos do salgado de Aveiro de 15 *de* Setembro de 1958 *e a primeira exposição do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo de* 21 de Outubro de 1959, *só* em 8 de Novembro de 1960 *o então sr. Subsecretário de Estado do Comércio estivesse habilitado pela Comissão Reguladora a resolver o problema.*

A safra de 1956 foi, como se disse, ruinosa. Em Aveiro produziram-se então sòmente 12.000 toneladas de sal, contra 66.670 produzidas no ano anterior e 54.349 produzidas em 1954.

Ora em 15 de Julho de 1957, em vista da exiguidade da safra anterior e na incerteza da produção daquele ano foi determinado um aumento de 80$00 por tonelada. *O sal continuaria a pagar-se ao produtor a 200$00; o aumento de 80$00 seria arrecadado para um fundo de compensação a distribuir pelo produtor em caso de necessidade.*

Aconteceu que a produção de 1957 foi excepcionalmente feliz: no salgado de Aveiro produziram-se 78.472 toneladas. E então, a Comissão Reguladora, salvo erro em 27 de Janeiro de 1958, exigiu ao Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo... a remessa da importância do aumento destinado a compensar os produtores!

Este aumento rendeu 152 000$00, dos quais se distrairam 3 000$00 para acudir às necessidades de um marnoto; os 149 000$00 restantes, foram enviados à Comissão Reguladora, que os terá utilizado para fins diversos daquele a que se destinavam.

Acrescente-se agora que as safras seguintes foram muito inferiores à de 1957: em 1958, produziram-se 43 000 toneladas; em 1959, produzizam-se 53 000 toneladas; em 1960, produziram-se 44 000 toneladas.

Estes factos habilitam-nos a algumas conclusões.

Não se compreende que, tendo-se determinado em 1957 o aumento de 80$00 por tonelada, *a Comissão Reguladora tivesse proposto, em 1960, um* simples aumento de 40$00 por tonelada; *o custo da produção era nessa altura muito superior e as safras a partir de 1958 foram muito mais exíguas!*

Não se compreende que o aumento de 40$00 por tonelada não tenha sido pago aos produtores integralmente.

Quando o aumento foi autorizado, havia já uma parte da produção absorvida pelo consumo. E daqui resultou o seguinte:

Em Aveiro, o sal foi pago aos produtores, não a 240$00, mas a 226$65 a tonelada: o *Grémio da Lavoura de Aveiro e Ilhavo entendeu, e bem, que o aumento autorizado deveria distribuir-se equitativamente pela produção da safra de 1960; na Figueira da Foz, o sal levantado antes do Despacho foi pago a 200$00 e o levantado depois dele a 240$00.*

Quer dizer: em Aveiro, ficaram prejudicados todos *os produtores; na Figueira da Foz ficaram prejudicados, sòmente, aqueles cujo sal foi levantado antes do Despacho entrar em vigor.*

Parece muito razoável que o Despacho se cumpra inteiramente, *pagando-se todo o sal da safra de 1960 com o aumento, aliás* insuficiente, *de 40$00.*

Antes de autorizado o aumento, na Figueira da Foz os armazenistas grossistas apressavam-se a levantar das marinhas todo o sal que podiam; pagavam-o a 200$00 por tonelada e vendiam-o... Cabe aos Serviços competentes averiguar por quanto o vendiam! Depois de autorizado o aumento, os armazenistas grossistas, que há longos meses possuiam «ordens-facturas» para o levantamento do sal, passaram a não o levantar, a pretexto de que se encontra conspurcado!

E na verdade: a Comissão Reguladora, que a cada passo permite a invasão das «zonas» de consumo, proibiu os produtores do salgado da Figueira de transaccionar e transportar em camionetas o sal da sua produção, que há muito já estaria vendido. Desta forma, prejudica os produtores da Figueira da Foz em benefício dos produtores de um outro salgado do Sul: o sal daqueles mantém-se nas «motas», sujeito a diminuições de volume e a conspurcações!

Assim é que, repetimos, se contraria a obra de justiça em que o Governo anda empenhado e se causam aos produtores salineiros graves prejuizos.

Por virtude das chuvas, a safra deste ano encontra-se atrasadíssima, ninguém podendo prever o acréscimo de dificuldades que acarretará para os produtores dos salgados nortenhos.

Importa reparar as injustiças apontadas, que são apenas algumas das muitas que têm chegado ao nosso conhecimento, e apressar o estudo de que foi encarregada uma comissão cuja actividade ignoramos.

Independentemente disso, porém, e dado o melindre dos problemas esboçados, atrevemo-nos a sugerir ao sr. Secretário de Estado do Comércio, em quem muito justificadamente os produtores salineiros depositam a mais absoluta confiança, se digne determinar um rigoroso inquérito às actividades do sector respectivo da Comissão Reguladora e do Grémio da Lavoura da Figueira da Foz.

E é com o mais vivo empenho que pedimos ao ilustre membro do Governo a subida honra de visitar os salgados de Aveiro e da Figueira da Foz, para assim melhor se inteirar dos problemas e da sua gravidade.

Temos a certeza de que, deste modo, tudo se poderá resolver com escrupulosa justiça, *no que vai, simultâneamente, o interesse do Governo e o dos produtores salineiros.*

Soldados de Aveiro para Angola

Continuação da primeira página

seguem para Lisboa, com destino a Angola, e anteontem, à tarde, se despediram da cidade.

Em expressiva demonstração de civismo e acendrado amor pátrio, a população aveirense acorreu em massa compacta ao amplo largo do Rossio, onde foi atraída sòmente pelo conhecimento da realização de cerimónias de despedida de uma Companhia do Regimento de Infantaria 10. Sem quaisquer convites, antes por livre determinação, espontâneamente, o bom povo de Aveiro encheu o vasto recinto, em total e vibrante afirmação de confiança e solidariedade plena com os componentes da força expedicionária chamada a servir Portugal na nossa Província de Angola.

Às cerimónias da despedida da Companhia 127 assistiram as diversas entidades civis, militares e religiosas aveirenses, sendo de referir-se que aqui se deslocaram os srs. Coronel Cristóvão do Anjo Vidigal, Inspector da Arma de Infantaria, e Coronel Sousa Cerejeiro, seu Adjunto. Presentes também, além do Chefe do Distrito e da Edilidade aveirense, numerosas delegações de todos os municípios do País a que pertencem os soldados expedicionários, bem como muitos familiares seus.

Pelas 18 horas, Mons. Aníbal Marques Ramos, Reitor do Seminário, celebrou missa campal, em representação do sr. Bispo de Aveiro. O piedoso acto foi precedido de significativa alocução patriótica do Rev.º Padre João Paulo da Graça Ramos, que acolitou o celebrante.

Junto do altar, formaram forças do Regimento de Infantaria 10 e da Base Aérea 7, vendo-se, ainda, com estandartes, representações da M. P., da L. P., da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, do Sport Clube Beira-Mar e do Sporting de Aveiro. Após as numerosas autoridades presentes, viam-se, sob comando do sr. Major Narsélio Matias, todas as forças disponíveis do R. I. 10, das quais se destacavam os soldados da Companhia destinada a Angola.

Na altura própria, Mons. Aníbal Ramos pronunciou uma homília — vibrante alocução patriótica, em que, após considerações de carácter histórico sobre a presença de Portugal no Continente Africano, relevou o alto significado da missão para que foram chamados os militares expedicionários aveirenses, a quem desejou as melhores venturas e recordou o lema da Unidade que servem: UBI HONOR GLORIA — «Onde está a Honra aí está a Glória!»

Finda a missa, Mons. Aníbal Ramos, referindo-se à simbologia do acto, benzeu dois guiões oferecidos pelo Governo Civil de Aveiro — em nome da população civil de todo o Distrito — e destinados, um, às forças do R. I. 10 que, desde há meses, se encontram já em Angola; e o outro, à Companhia que agora vai partir para o nosso Ultramar. Os guiões foram solenemente entregues, pelo Chefe do Distrito, sr. Dr. Jaime Ferreira do Silva, respectivamente aos srs. Coronel José Rodrigues Ricardo, Comandante do R. I. 10, e Capitão Sérgio Carvalhais,

Conclui na página oito

Soldados de Aveiro para Angola

— Conclusão da página anterior

que chefia a Companhia 127.

Seguiram-se breves, mas muito significativos discursos, escutados, comovidamente, com profunda emoção, pelos milhares de aveirenses que se concentravam no Rossio.

Em primeiro lugar falou o sr. CAPITÃO SÉRGIO CARVALHAIS, cujas palavras, pepassadas de acendrado patriotismo, na íntegra se transcrevem:

Acaba V. Ex.ª, sr. Governador Civil, de entregar a esta Companhia, que em breve vai partir em defesa do nosso Património tão gravemente ofendido em terras portuguesas de Angola, o guião da Unidade que preparou militarmente a maioria dos seus componentes.

Grande honra e responsabilidade depositou V. Ex.ª nas nossas mãos ao oferecer-nos este símbolo de tantas glórias e tradições.

Temos consciência do que foi o Regimento de Infantaria 10 no passado e até do comportamento verdadeiramente extraordinário dos seus soldados que neste momento combatem em Angola, e bem avaliamos e compreendemos o que ele também de nós espera, para que não deslustremos as suas tradições e, antes, saibamos merecer a honra de servirmos à sombra deste guião de que V. Ex.ª nos fez depositários e mandatários.

Bem haja, pois, sr. Governador Civil — por ter com esta dádiva estimulado e excitado ainda mais a nossa já tão grande vontade de defender a integridade da Pátria com tudo o que ela comporta de Grandeza, Heroísmo e Recordações e conservar intacta a honra da Nação, as suas Tradições, Liberdade e Instituições.

Bem hajam também todos V. Ex.as que, eivados do mesmo ideal pátrio, aqui vieram testemunhar a esta centena e meia de conterrâneos o seu carinho, a sua simpatia, o seu apoio moral e a sua inteira compreensão na nobre e honrosa missão que lhes foi imposta.

Tenho a certeza de interpretar os sentimentos de toda a Companhia ao assegurar-lhes que partem nos nossos corações e que tudo faremos para não desmerecer da confiança e da fé que em nós depositam.

Tenho perfeita consciência do perigo que nos espera e da minha responsabilidade como chefe destes homens. Não esquecerei nunca a sua natureza humana, os seus anseios, as suas aspirações, as suas dúvidas, as suas fraquezas, as suas nostalgias, os seus problemas familiares e as suas doenças.

Quero, e neste propósito estou cheio de Deus, depois de terminado o cumprimento da missão, devolver a esta região de Aveiro, sãos e salvos, e oxalá cobertos de glória os seus filhos que neste momento difícil me foram confiados.

Não iremos cometer loucuras, leviandades, imprudências e heroicidades irrefletidas. Vamos, isso sim, sem a menor centelha de medo, comodismos ou transigências, mas com alma refletida, serenidade e ponderação, olhos postos nesta Bandeira e a alma em Deus, dar o nosso contributo para manter VIVA, LIVRE e ETERNA a PÁTRIA GLORIOSA e IMORTAL.

Depois, o Comandante Militar de Aveiro e do R. I. 10, sr. CORONEL JOSÉ RODRIGUES RICARDO afirmou, a dado momento:

/.../ Aqui proclamo pùblicamente que a Companhia do R. I 10 que se encontra em Angola e que deste Regimento partiu há bastantes meses, tem cumprido até hoje, com honra, com a maior dignidade e aprumo, as árduas missões de que tem sido incumbida.

O guião agora oferecido para aquela sub-unidade, considero-o valiosa dádiva da população civil.

Portugueses que me ouvis: — Em nome dos soldados do R. I. 10 que em Angola combatem, lutam e, graças a Deus, têm vencido, agradeço-vos de alma e coração o testemunho de confiança e apreço que lhe enviais, traduzido neste guião.

Ele constituirá forte incentivo e apoio permanente para que os militares do R. I. 10 que em Angola, e no presente conflito, já têm derramado o seu sangue generoso em defesa da Pátria.

Que a vossa oferta seja o alento que lhe enviais, para manterem sempre com honra as missões ainda mais árduas que lhes possam a vir a ser pedidas, em defesa das vidas e bens dos nossos irmãos que em Angola vivem e lutam, por uma sobrevivência nacional.

Permitam-me que eu, não só como militar, mas como Português dirija algumas palavras à Companhia aqui presente, pois os modestos soldados que connosco comungam nesta cerimónia e destinados ao Ultramar, são na sua quase totalidade deste Distrito, de tão vincadas características e honrosas tradições.

Julgo que as palavras que vou proferir representam o sentir de todos aqui presentes, constituem o seu pensamento, o vibrar da sua alma, em anseios, esperanças e absoluta confiança nos destinos de Portugal.

— Soldados: — Não é a primeira vez na História de Portugal que o País atravessa dificuldades.

Encontramo-nos no Ultramar, e neste caso em Angola, desde há séculos com espírito de sacrifício, de trabalho e dignidade que ninguém pode negar com justiça.

Nunca nos faltou o sentido evangélico e de confraternização humana. Aqueles que contra nós desencadearam a presente tempestade, quebrando o sossego de populações pacíficas e desvastaram as suas vidas e bens, não têm maior apreço pela dignidade das populações nativas de África; mas nós próprios, com elas contactamos, há séculos, sem problemas raciais.

Os inimigos de Portugal lançaram a semente do mal e da discórdia, porque nos querem substituir ou espezinhar e não por ideal que não possuem.

Portugal é uma Nação Ultramarina. Angola é uma Província tal qual como a Beira Litoral donde esta Companhia parte em breve. Lá não é terra que se explora — mas, sim, Pátria que se revive.

Sem a posse do Ultramar a Nação não pode sobreviver: assim o pensaram, o delinearam, o fizeram e têm feito desde há cinco séculos os nossos antepassados e as gerações que lhes sucederam até hoje.

A guerra em que inimigos estranhos e traiçoeiros nos fez empenhar é luta de vida ou de morte: nesta luta não é só o nosso próprio destino como a Nação livre e independente que está em causa, mas é também a ameaça que paira sobre a Civilização Ocidental de que a Europa é detentora.

Todos os esforços não serão demasiados e nenhum será dispensável. Nenhum sacrifício será inútil.

Nesta hora de mobilização geral, de vontades, de energias, de trabalho fecundo, de firmeza, de acção, de raciocínio claro e ponderado e decisão bem definida não há lugar para qualquer hesitação nem para divergências.

Não tem cabimento causas mesquinhas, egoísmos, vaidades, desinteresses ou alheamentos de qualquer ordem.

A causa é nacional, e ela sobrepõe-se, imperativa e soberanamente, a todas as ideias ou sentimentos particularistas ou limitados, pois assim o determina o futuro de Portugal.

O Exército, como componente da Força Armada, constitui uma guarda permanente e vigilante do Património Nacional, em toda a sua extensão de território e em todo o seu valor moral.

— Soldados: — Ides combater em Angola o terrorismo que traiçoeiros inimigos de Portugal lançaram contra os Portugueses daquela Província.

Exorto-vos a travar guerra sem tréguas contra tudo e todos, que atentem contra a vida e haveres dos Portugueses que vivem em Angola, ali labutam, ali combatem e morrem pela manutenção de Portugal.

Não são apenas os direitos históricos do nosso passado que nos impõem a nossa presença em África.

Exigem-no igualmente os interesses essenciais do nosso presente. E sobretudo, e acima de tudo, os ordena a criação e a manutenção do nosso futuro.

— Soldados: — A população civil aqui presente reconhece e agradece os sacrifícios que vos possam vir a ser impostos.

Os Portugueses que realmente o sejam, com humilde e justa consciência dessa qualidade, e que não vos acompanham e que aqui permanecem, não poderão esquivar-se, sob a pena de traição à Pátria, de lutar também aqui, não se poupando a todos os esforços, a todos os sacrifícios de saúde e de dinheiro e até da vida se for necessário, para que contra o seu trabalho afincado, a sua união e a sua vontade forte e firme de vencer, se esboroe a nefasta e vil acção dos inimigos da Pátria que pretendam desunir-nos para com maior facilidade nos vencerem.

— Militares combatentes: — Levai a nossa saudação aos soldados de Portugal e aos Portugueses brancos, pretos e mestiços que combatem em Angola em defesa da Pátria.

Dizei-lhes que lhes oferecemos todo o nosso físico, todo o nosso espírito, para manterem intacta a soberania de Portugal na Portuguesíssima Angola, onde ossados dos nossos maiores guardam um passado heróico que nos servirá de guia no presente.

Dizei-lhes também que sentimos todos os seus desgostos e pesares e que com eles sentimos a revolta de todo o nosso ser pelo genocídio hediondo e bárbaro levado a efeito pelas hostes que inimigos estranhos ali têm fomentado e desenvolvido.

Lá, rezai com fervor junto das campas dos que tombaram na presente luta em defesa de Portugal; jurai lhes também que os padrões erguidos em épocas passadas a atestar a presença de Portugal em Angola se manterão sempre, pelo nosso supremo esforço e ajuda de Deus, a proclamarem para a Eternidade:

— Acção presente, Civilizadora e Nacionalizante de Portugal.

Finalmente, no uso da palavra, o sr. Dr. JAIME FERREIRA DA SILVA, Governador Civil de Aveiro, falou desta forma:

Soldados de Aveiro!
Soldados de Portugal!

Nunca se apartaram olhos portugueses sem que os inundem névoas de comoção.

A distância e a ausência — um chamamento e uma cruz que nos ficaram desde as Descobertas — reagem no conflito das lágrimas para realizar a síntese da Saudade.

É o poderoso e singular sentimento, que estira e fustiga a alma da grei entre os polos do heroísmo e do sofrimento, a caldear a nossa Vida e a fazer a nossa História.

Vós ides, em Saudade, continuar Portugal!

Lateja-vos o peito nesta hora magnífica em que a vossa juventude, cavalgando com destemor sobre os «ventos da História», tenta dizer ao Mundo que às mutações da vontade humana se sobrepõe a permanente vontade de Deus, que ao homem orgulhoso de algum dia se sobrepõe o homem inerte de sempre.

Vós ides, em Saudade, pugnar pela Fé!

Não se vos turbe o ânimo ou a consciência. A causa é justa. A causa é nobre.

Só vis traidores poderão sufocar ou perverter o que é um apelo irresistível da alma angustiada e do corpo ferido de um povo honrado e tranquilo que estranhos profanam. Tudo está além e acima dos contigências desta ou daquela fórmula política. O alvo, que o inimigo ansiosamente procura, não é o regime, e a Nação.

Vós ides, em Saudade, agasalhar e defender, no regaço filial a veneranda genitora, a Mater Admirabilis, a Pátria Portuguesa!

Entro na intimidade do vosso coração e vejo um aceno de despedida, ao jeito do lenço machucado e humedecido que traça no ar o arabesco de uma asa de súbito fulminada. Ouço um soluço que se afoga no ombro paterno.

Vós ides, em Saudade, defender a paz e a doçura da vossa vida e dos nossos lares!

Soldados de Aveiro!
Soldados de Portugal!

Nunca se apartam olhos portugueses sem que os inundem névoas de comoção...

Que Deus seja convosco nos caminhos da honra e da glória e tenha sempre uma aurora e um orvalho para a flor perene da Saudade Nacional!

A encerrar as cerimónias, as forças do R. I. 10 desfilaram por diversas ruas da cidade, recebendo aplausos e e sendo vitoriadas pela população, que se concentrou ao longo do percurso seguido pelas tropas. As diversas entidades oficiais assistiram ao desfile junto do Monumento aos Mortos Grande Guerra, onde os militares, garbosamente e impecàvelmente, passaram em continência.

Constituição da Companhia 127

A presente Companhia do R. I. 10 destacada para servir em Angola é composta por 172 homens, nos quais estão incluídos: 156 praças, 10 sargentos e 6 oficiais. Comanda-a o Capitão Sérgio Carvalhais, natural de Fornelos (Vila Real), e os restantes oficiais são os seguintes: Tenente Manuel Pinho Lima de Oliveira, natural de Lourenço Marques; Alferes-Médico Dr. João Pascoal Duarte, do Cadaval; e Aspirantes Fruzeta da Ponte, de Setúbal, Ilídio Mouge, do Bombarral, e Henrique Barroso, de Lisboa.

A «Medalha de Prata da Cidade» para o Beira-Mar e para o Clube dos Galitos

Em reunião ordinária realizada no dia 26 de Maio corrente, a Câmara Municipal deliberou conceder a Medalha de Prata da Cidade, ao Sport Clube Beira-Mar, pela sua passagem à I Divisão e um subsídio extraordinário de sessenta mil escudos.

Também deliberou, na mesma reunião, conceder a Medalha de Prata ao Clube dos Galitos comemoração do 25.º aniversário do seu Grupo Cénico.

O Pandemónio Barbaresco dos nossos dias

Continuação da primeira página

buscar estas possibilidades? — para lá formar os técnicos dos «nacionalistas» angolanos, além de se saber que os capacetes azuis ghaneses, que estão a servir os efectivos da ONU no Congo, montaram já em Matadi uma eficiente escola, tipo russo, destinada a industriar a perpetração dos morticínios e a «criar a alma» e o idealismo dos guerrilheiros terroristas que operam em Angola, — sim, porque uma luta de extermínio sem idealismo não tinha justificação.

Pelo exposto fica revelada mais uma prova indesmentível sobre a existência da participação activa estrangeira nos ataques levados a cabo contra os nossos territórios ultramarinos — para já com mais acuidade em Angola — e da existência de compromissos e valores entendidos entre o Ghana e a Rússia, para, através deles, ser obtida, por qualquer forma e a qualquer preço, a chamada libertação desta nossa Província, para a transformar em mais um Estado condicionado ao jugo e ao domínio do Comunismo.

É sabido, e está à evidência, do quanto lhes interessa alcançar uma vitória sobre Angola, pois com ela estaria implicitamente quebrada toda e qualquer resistência à penetração russa na África Central.

É, porém, uma identificação bastante perigosa, tanto para nós como para outros — e um futuro não longínquo o dirá — que não surpreende, pois é igual a tantas outras que a Rússia está efectuando, com bastante pressa, por toda a parte, onde encontre uma porta aberta ou uma brecha por onde possa promover a sua infiltração, que é toda a razão da sua política doutrinal e internacional.

Outro aspecto grave do problema é verificar-se que estes conluios subversivos, que orientam as actuais invasões e revoluções à base de entendimentos pacíficos sob o disfarce de permutas culturais e científicas — mas que, na realidade, são evidentes atentados à segurança e à Paz no Mundo — são efectuados, com conhecimento geral, nos gabinetes privativos das delegações à ONU — a organização que se instituiu para defender a Paz — exactamente pelos países que nas assembleias da mesma acusam os outros de serem os provocadores e os fautores da guerra.

Não há dúvida de que estes homens — exímios chantagistas — não têm o menor pejo em transformarem a Verdade numa grotesca abjecção, convertendo as suas participações em autênticos pandemónios barbarescos da actualidade.

Devemos esclarecer, a propósito, que este sr. N'Krumma publicou em tempo a sua autobiografia num livro a que deu por título o nome de GHANA, ou seja, o nome do Estado que viria a ser o de seu governo.

Conseguiu neste seu livro, do mesmo género do «Mein Kampf», de Hitler, descrever-nos de maneira atraente e sujestiva, prolixa e minuciosa, a sua vida e todas as vicissitudes por que passou para conseguir os objectivos, convencendo os leitores de que a sua luta foi um humano idealismo — uma trajectória espiritual, sedutora, própria dos bem intencionados, oferecendo-nos, assim, uma vida cheia de humanidade e coragem ao serviço de uma causa nacional, pondo em relevo que se obrigava a entendimentos pacíficos para com todos os estados constituídos. A independência foi, por esta maneira, conseguida. Mas é de referir, como importante, que no mesmo dia em que se efectuou, solenemente, o acto desta independência, o sr. N'Krumma — segundo nos conta — ao efeito das emoções vividas e do que tinha conseguido para o seu país, deu-se a meditar que lhe competia ir mais longe nos seus propósitos. E, então, embora atraiçoando as suas promessas, mas julgando-se portador de uma predestinação que lhe estava «divinamente» destinada, declara que nunca havia considerado a luta pela independência da Costa do Ouro (o actual Ghana), como um objectivo isolado, mas apenas a parte de todo um conglomerado histórico, e que o facto de haver sido a vanguarda de um movimento compreendido e reconhecido, obrigava-o, desde então, a ajudar aqueles que, após ele, lutassem pelos mesmos objectivos.

«A nossa tarefa — diz ele — não estará concluída, nem a nossa segurança será completa, senão quando os últimos vestígios do colonialismo tenham desaparecido da África. Este será o maior dia da minha vida, o dia da vitória dos meus guerreiros, e nenhum general poderá sentir-se mais orgulhoso dos seus soldados nem do seu exército.»

Do que fica dito tudo se deduz. Mas já em nosso tempo existiram ditadores que se endeusaram com as delícias do mesmo orgulho e isto foi o que constituiu as suas derrocadas e as suas derrotas, por sinal bem trágicas. É bem de crer que, também aqui, a História se repita.

M. Lopes Rodrigues

ROSSIO área descarnada no centro da cidade

Continuação da última página

se aproveitar o Rossio para a edificação de um recinto que, a um tempo, servisse o Desporto aveirense e o Comércio e a Indústria locais. A ideia, que os dirigentes do Beira-Mar aprovaram inteiramente, está ainda em fermentação...

Quase se chocando com esta iniciativa, também na penúltima semana a Comissão Municipal de Turismo apresentou à Câmara uma proposta em que sugere o conveniente arranjo urbanístico daquele mesmo local.

A base dessa urbanização assentaria na construção de um pavilhão com múltiplos fins — que permitiria a realização, em recinto coberto, de exposições de Arte, concertos musicais, conferências, exibições folclóricas, e até mesmo a prática de certas modalidades desportivas.

Ainda pelo que julgamos saber, nesse mesmo pavilhão seria instalada a Comissão Municipal de Turismo, e haveria lugar para um restaurante, logradouro de turistas, que poderiam disfrutar a paisagem única que se nos oferece neste local.

A «Feira de Março» não seria esquecida. Simplesmente, vê-la-íamos sob um novo matiz. Nesse pavilhão haveria salas especiais e um recinto geral para exposições de carácter industrial e comercial. Longe de morrer, a «Feira de Março» deixaria de ser simplesmente uma feira para passar a ser uma exposição em verdadeiros moldes actuais, sincronizada pelo mesmo diapasão de progresso que se verifica em todos os outros sectores da actividade aveirense.

Só pedimos que dos factos do passado se tirem as devidas lições para um melhor futuro, e que em vez do descarnado Rossio de hoje, nos apareça amanhã o lugar aprazível que todos nós desejamos.

Gaspar Albino

... os números da Exposição Industrial

Continuação da última página

cromagem, doçaria regional, encadernação, escovas, esmaltes (louças e utensílios), espumantes, estafes, estores, ferros de engomar, ferros forjados, ferragens, fibrocimento, fios de lã, fios texteis e metálicos, fogões a petróleo, fósforos, frigoríficos, fundição, gás, gesso cré, graxas, guarda-chuvas, jornais, lacticínios, lápis, livros, lixas, louças de alumínio, louças artísticas, louças sanitárias, lustres, madeiras, mangueiras, máquinas para cerâmica, máquinas para construção civil, máquinas de costura, materiais de construção, material doméstico, material eléctrico, material vinícola, meias, metalurgia, mobiliário em madeira, mobiliário metálico, mobiliário em vime, mosaicos, moto-bombas, motores eléctricos, motores industriais, móveis artísticos, óleos, painéis cerâmicos, papel, passamanaria, peixe congelado, peles, pesca, perfumes, plásticos, pneus, pomadas, porcelanas, produtos alimentícios, produtos farmacêuticos, produtos químicos, refinaria de petróleos, refrigerantes, sacos de papel, sal, sofás, tamancaria, tecidos, tintas, velas de cera, velas de estearina, vidros.

Câmara Municipal de Ílhavo

Aviso

A Câmara Municipal de Ílhavo, torna público que, pelo prazo de 3 meses, a partir do dia 24 do corrente, fica interrompido o trânsito pela ponte Juncal Ancho.

O acesso às Gafanhas e Praias deste concelho far-se-á pela E. N. 109, por Vagos e pela E. N. 109-7, que de Aveiro segue até à Praia da Costa Nova do Prado.

Ílhavo, Paços do Concelho, aos 19 de Maio de 1961

O Presidente da Câmara,

Dr. José Cândido Vaz

ROSSIO área descarnada no centro da cidade

CONSIDERAÇÕES DE GASPAR ALBINO

NOS últimos tempos, tem-se falado insistentemente no Rossio, ou pelo anacronismo da «Feira de Março», ou devido a iniciativas, de toda a ordem, que têm deitado miradas gulosas sobre o terreiro que, apesar de tão central, está tão mal aproveitado.

A verdade é esta: durante onze meses do ano, mesmo no centro da cidade, podem os aveirenses orgulhar-se de possuir o maior e mais amplo albergue de camionetas de turismo que conheço pelo País fora. E, sinceramente, os nossos ombros caem desalentados, a nossa cabeça tomba e o nosso olhar fica toldado por núvem de tristeza porque, pensamos, o Rossio merecia e merece bem melhor sorte.

Peder-me-ão dizer: — Mas há a «Feira de Março»!

Sim: há a «Feira de Março», a desactualizada «Feira de Março» que, de ano para ano, vem trazendo menos gente à nossa cidade. A tal «Feira de Março» das barracas de bugigangas, das tendas dos barros policromos, das farturas e dos «marrecos», dos altifalantes atroadores, das publicidades incompreensíveis, do pó. É essa a «Feira de Março» que, por ocupar o largo do Rossio durante um mês, faz com que os aveirenses fiquem obrigados a ter de suportar, durante o resto do ano, o terreiro descarnado e pouco convidativo que nós vemos todos os dias.

Mas se é a «Feira de Março» que origina e obriga a tal estado de coisas, terá ela um valor tão grande, uma importância tão extraordinária, que só por si constitua escolho que impeça um melhor aproveitamento e uma mais constante utilização dum largo que — todos nós sabemos — é excelente para tantos fins?

Talvez que conhecimentos profundos nos faltem, talvez que razões fortes existam, talvez que a tradição pese tanto ao ponto de conseguir vergar a verdadeira face duma realidade que por todos nós é conhecida, mas à qual, muitas vezes por comodismo, preferimos virar as costas.

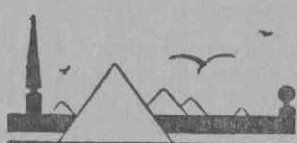
Talvez que a irreverência própria da juventude de quem assina estas linhas lhe dê foros de menino malcriado e pouco acomodatício. Talvez...

Mas a verdade é que o Rossio, tal como é, tal como se nos mostra diàriamente, longe de constituir uma excelente sala de visitas para Aveiro, é, antes, um lugar onde o saibro mal colocado tem oportunidade única de dançar, tocado pelo bom vento da Ria, perante os olhos dos incautos passantes.

Que o digam os feirantes, que se lamentam com as suas poucas vendas; que o digam os comerciantes aveirenses, que nem sempre vêem na «Feira de Março» uma oportunidade de aumentar as suas transacções.

Não desdenhamos do valor da Tradição. Pelo contrário! Mas pensamos que a Tradição não pode ser arquivo ou palimpsesto de ideias mortas: antes deve ser experiência realizada através dos tempos.

E como experiência contínua que é, com ela muito podemos aprender.

Existe uma «Feira de Março», plena de tradições que vêm de há muitos séculos. Ao dizermos que ela é anacronismo incompreensível nos tempos que passam, temos em mente os moldes totalmente desactualizados em que ela tem sido organizada. Não desejamos a morte da «Feira de Março». Longe de nós tal pensamento! Mas lembramo-nos da agradável experiência que foi a Exposição Industrial levada a efeito no ano jubilar da nossa cidade e da lição verdadeiramente eloquente que ela nos deu. Os números falam por si: e estes foram e são consoladores — como poderá ver-se da nota, em *manchette*, que acompanha o presente artigo.

ROSSIO

Local de esperança duma Aveiro moderna e actual

Mas falámos de tudo isto por causa do tal Rossio do saibro não calcado, do tal Rossio albergue de camionetas de turismo, do tal Rossio escalpelado que temos como ferida descarnada no centro da cidade. As feridas descarnadas não atraem, antes repelem.

Ainda não há muito tempo, o saudoso Dr. José Clemente fez convergir as atenções gerais para o maior largo da cidade, ao lançar a ideia da construção dum Pavilhão de Desportos que seria lá situado. Parece-nos que com a sua morte a ideia da construção nesse local, em tão boa hora lançada, abortou. Sabemos, também, que um industrial hoteleiro aveirense quis fazer, no redondo em frente à Ponte da Dobadoura, uma elegante estalagem, que teria frente para o Canal Central e para o Canal das Pirâmides. Incompreensìvelmente, e quando até o projecto estava concluido, foi negada autorização para o prosseguimento dos estudos.

Como vêem, senhores, o Rossio, da tal ferida pulverolenta que é, poderia vir a ser lugar aprazível, onde o aveirense teria oportunidade única de receber os seus visitantes. Mas não! A «Feira de Março» obriga, e a gente obedece...

Felizmente, sabemos haver responsáveis que pensam da nossa maneira.

Aliás, já no ano de 1950, a Edilidade aveirense, numa reunião ordinária realizada em 8 de Maio, deliberou «qualquer coisa» que nunca se veio a realizar. E essa «qualquer coisa» referia-se ao Rossio.

Por outro lado, e no meio da febre que tem contaminado, nos últimos tempos, alguns dos beiramarenses mais ferrenhos, surgiu a ideia de

Continua na página 9

Feira de Março

Anacronismo incompreensível nos nossos dias

Dizia ainda há bastante pouco tempo o Doutor Cimourdain de Oliveira, em conferência que pronunciou em Aveiro sobre «Formas tradicionais e novas formas de Comércio»:

A forma mais antiga de comércio foi ... a de um mercado, isto é, um lugar de encontro entre vendedores e compradores; e como, normalmente, aqueles lugares se situavam junto de locais de consumo, isto é, onde viviam os compradores, isso obrigava os vendedores a deslocarem-se, junto com as suas mercadorias: era o comércio nómada ou não sedentário. Acontecia, porém, que essas viagens eram cheias de perigos, em virtude da insegurança das estradas, onde eram vulgares os assaltos, os roubos e os assassinatos; e, assim, prevenindo-se contra estes perigos, os comerciantes de então (que seria mais correcto chamar «marchantes» — de marchar, caminhar) agrupavam-se em caravanas, como hoje, em tempo de guerra, fazem os navios mercantes, que navegam em regime de comboios.

Com o decorrer do tempo, esta forma de comércio, incerto quanto às datas e duração, vai-se rodeando de cuidados que tendem a diminuir os perigos de deslocação dos comerciantes e a assegurar datas e durações certas para tais reuniões; e assim nascem as feiras, espécie de comércio periódico que serve de ponte de passagem do anterior comércio, de carácter incerto, para o chamado comércio contínuo. As feiras concentram, portanto, a oferta e a procura das mercadorias num dado local e durante um certo espaço de tempo, de modo a alimentar uma corrente de trocas bastante mais importante e a assegurar a esta a indispensável segurança.

E, logo a seguir, acrescentava que este género de feiras (as mais célebres tiveram lugar na região de Champagne) teve o seu declínio nos começos do século XVI.

Se é certo que em Portugal as coisas nem sempre se passam como nos restantes países da Europa, a verdade é que a nossa «Feira de Março», que se enquadra perfeitamente nos moldes daquelas que o distinto professor caracterizou acima, hoje em dia começa a sentir as consequências da tal facilidade de transportes, e da existência de comércio sedentário que basta as necessidades da população local.

o que foi a nossa EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL

1 Instalada no Rossio, a Exposição Industrial foi inaugurada em 5 de Julho e encerrou em 16 de Agosto de 1959. No dia da inauguração, o recinto registou a presença de 10 000 visitantes! No n.º 250 do LITORAL, de 8 de Agosto de 1959, quando se noticiava que fora alargado o período de abertura do importante certame, escreveu-se: (...) *a Exposição, que foi visitada já por mais de 80 000 pessoas* (...)

2 Em discurso proferido na cerimónia da inauguração da Exposição Industrial, o sr. Dr. Alberto Souto disse, em dado momento: *A nossa exposição das indústrias revela um progresso nítido e seguro no desenvolvimento das actividades que hoje são o timbre de todos os povos evoluídos. O Distrito de Aveiro oferece à Nação uma prova de que sabe honrar e servir a Nação moderna, de que serve e honra o nosso Portugal* (...)

3 Falam os números: estiveram presentes 167 firmas expositores, com sede ou representações nas seguintes 46 localidades do Distrito: *Águeda. Albergaria-a-Velha. Anadia.* Anta. Arrancada do Vouga. Argoncilhe. Arrifana. Avanca. *Aveiro.* Bonsucesso. Carregal. Costa do Valado. Couto de Cucujães. Curia. Escapães. Esmoriz. *Espinho. Estarreja.* Fiães. Fornos. Gafanha da Nazare. *Ílhavo.* Luso. *Mealhada.* Milheirós de Poiares. *Oliveira de Azeméis. Ovar.* Paços de Brandão. Pejão. Quinta do Picado. Ribeira de Venda. Riomeão. Sangalhos. S. Jacinto. Sever do Vouga. S. João de Anadia. *S. João da Madeira.* S. João de Ver. Soutelo da Branca. S. Paio de Oleiros. *Vale de Cambra.* Verdemilho. Vergada. *Vila da Feira.* Vista Alegre.

4 As modalidades industriais expostas ascenderam a 106 número elevado em que se incluem os produtos a seguir descriminados: abrasivos, aços, aparelhagem cirúrgica e hospitalar, artigos de betão, artigos de borracha, artigos de cobre e latão, azulejos, barcos de recreio, bicicletas motorizas e acessórios, bordados, botões, brinquedos, cabos texteis e metálicos, calçado, camisaria, candeeiros, canetas, correcerias, carros para crianças, cartonagem, carvão, cerâmica de construção, chales, chapéus, chocolates, colas, colchões de molas, confecções, construção naval, cortiças, cortumes, cro-

Continua na página 9

Litoral • N.º 344 • 27-5-1961 • Avença